



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA - UFRB
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS AGRÁRIAS

NAGILA SOUZA ANDRADE

ESTUDANTES EGRESSOS DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DO SERTÃO:
Trajetórias e Perspectivas

AMARGOSA – BAHIA

2019

NAGILA SOUZA ANDRADE

**ESTUDANTES EGRESSOS DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DO SERTÃO:
Trajetórias e Perspectivas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Ciências Agrárias, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo com habilitação em Ciências Agrárias.

Orientador: Prof. Dr. Franklin Plessmann de Carvalho.


AMARGOSA – BAHIA

2019

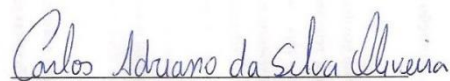
NAGILA SOUZA ANDRADE

**ESTUDANTES EGRESSOS DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DO
SERTÃO: Trajetórias e Perspectivas**

Este TCC foi apresentado/defendido na casa do DUCA, do Centro de Formação de Professores da UFRB, em Amargosa, BA, no dia 26 de fevereiro de 2019.



Professor Franklin Plessmann de Carvalho (orientador)



Professor Carlos Adriano da Silva Oliveira



Professor Gabriel Troilo

Dedico este trabalho de conclusão de curso:

Aos camponeses de resistência que contribuíram na construção de nossa escola.
Aos meus pais, Manoel e Josefa e meus avós, Maria, Laurenço, Maria Joana e Candido,
por me ensinarem a valorizar a cultura camponesa e a luta dos trabalhadores.
A meu primo **Nailton Dias** (*in memoriam*), um guerreiro e sonhador, sempre disposto a
contribuir e aprender.

AGRADECIMENTOS

São tantos e todos tão especiais... Cada um de seu jeito...

A construção desta monografia foi um processo doloroso e gostoso de viver, uma etapa em que passei por diversos momentos angustiantes, e que precisei de muita determinação e ajuda emocional para poder estar concluindo este processo. Por isso tenho imensa gratidão por todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço primeiramente ao ser “supremo” que nos proporcionou o dom da vida, a sabedoria, a inteligência e acima de tudo a humildade.

Aos meus pais toda minha gratidão pela dedicação e pelo respeito incondicional aos caminhos em que resolvi trilhar, e que foram os principais responsáveis por me mostrar e manter nos trilhos...

À comunidade tradicional de Fundo de Pasto Muquém, na qual nasci e aprendi a importância da cultura, da identidade e da união, que sempre demonstrou apoio e confiança na minha caminhada.

À Pastoral da Juventude Rural, por todo processo formativo ao qual me propiciou e também por contribuir na realização deste sonho. Por acreditar na força da Juventude!

Gratidão ao meu orientador Franklin Plessmann de Carvalho que neste processo de construção foi paciente e sempre mostrou disposição para contribuir nas reflexões, sempre problematizando e ajudando a ir à busca de algumas respostas às inquietações surgidas durante este trabalho.

Gratidão à amiga, companheira e confidente, Daniela Moraes Moura que foi para mim durante o período da escrita do TCC uma “co-orientadora”, me apoiou, me deu suporte quando precisei, e acreditou em minha capacidade, agradeço também pela disposição e paciência, estando sempre pronta a me ajudar a refletir sobre as questões surgidas ao longo deste trabalho, por ter atendidos meus chamados tanto no telefone, como na sua porta.

Meus sinceros sentimentos de gratidão a Gabriel Troilo, que me apresentou a possibilidade de realizar este curso, e foi para mim durante todo este período um excelente orientador, sendo um suporte durante o tempo comunidade sempre contribuindo e orientando nos trabalhos realizados durante o curso. Inclusive, foi ele que me instigou a realizar esta pesquisa. Gratidão Gabriel!

Agradeço imensamente aos interlocutores, pela confiança em compartilhar suas trajetórias, seus anseios e dificuldades, por me trazerem elementos que proporcionaram as reflexões que trago neste trabalho. Gratidão, este trabalho não existiria sem a colaboração de vocês!

Ao meu irmão Lucas Souza de Andrade, por me socorrer sempre que as ideias deixavam de fluir e ele pacientemente vinha ler comigo e conversar sobre o trabalho, e também a minha irmã, Melania Souza de Andrade, que sempre acreditou em mim, e torceu pela realização de meu sonho. Obrigada pelo carinho! Ao meu companheiro Givaldo Neves de Jesus por acreditar em meu sonho e me animar e mostrar que sou capaz nos momentos de desespero. Gratidão!

Agradeço enormemente aos amigos (as) e colegas do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências Agrárias, em especial à Michele da Silva Alves que nesta trajetória se tornou mais que uma amiga, esteve presente em todos os momentos os quais vivi durante esta graduação, foram muitos risos, muitas brigas, muitos choros, muita diversão, muito estudo, sempre juntas, uma segurando a mão da outra, ajudando a levantar sempre que necessário! Gratidão Michele! À Elane Rocha e Ariane Araújo pelo cuidado e pelo carinho, sem vocês não dava para suportar! A Saadia Oliveira e Luciene Silva pelos gritos e conselhos! A Miria Tatiane e Raniele Zanol pelas resenhas e risos! A Crislayne dos Santos Brito, que esteve comigo durante todo período, que nesta trajetória formamos uma incrível dupla para realização dos trabalhos, em especial no tempo comunidade. Gratidão a todas! Com vocês ficou bem mais fácil chegar nesta reta final do curso.

Agradeço aos professores da Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências Agrárias por acreditarem neste projeto e nos ensinar a arte de pensar e refletir a realidade.

Por último, mas não menos importante, agradeço aos professores que aceitaram o convite da Banca Examinadora: Carlos Adriano da Silva Oliveira e Gabriel Troilo que já me acompanham durante toda a graduação e por quem nutro um imenso carinho e respeito, por ter aceitado fazer parte desta etapa tão importante em minha vida.

ANDRADE, Nagila Souza. **Estudantes Egressos da Escola Família Agrícola do Sertão: trajetórias e perspectivas.** 2019. Monografia (Graduação) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2019.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa é de abordagem qualitativa e parte das percepções de dez estudantes egressos da Escola Família Agrícola do Sertão (EFASE) que pertencem às comunidades tradicionais de Fundo de Pasto Muquém e o Monte Alegre, ambas localizadas em Monte Santo, Bahia. Foram realizadas entrevistas visando compreender em que medida a formação recebida na EFASE contribuiu para suas trajetórias profissionais. Em especial busca refletir o potencial das pedagogias principais utilizadas no processo formativo desta escola: pedagogia da alternância e pedagogia do trabalho. Analisa a formação técnica e política realizada pela escola e o impacto destas pedagogias. Busca também compreender as perspectivas de futuro destes jovens profissionais.

Palavras Chave: Educação do Campo; Pedagogia da Alternância; Pedagogia do Trabalho; Escola Família Agrícola.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Monte Santo – BA e seus confrontantes	35
Figura 2: Mapa de Monte Santo identificando a EFASE construído pelos estudantes do 4ºano 2014 da EFASE, em uma oficina do PIBID.	35
Figura 3: Umbuzeiro, símbolo de resistência e mística da EFASE.....	39
Figura 4: Os quatro pilares dos CEFFAS	72

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1: Os egressos interlocutores do trabalho.....	31
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Evolução do índice de Gini, Monte Santo - BA (1920 - 2006).....	36
Tabela 2: Estrutura Fundiária Monte Santo - BA, 2006.....	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAPPMR	Associação Agropastoril dos Pequenos Produtores de Muquém e Região
AREFASE	Associação Regional da Escola Família Agrícola do Sertão
ARESOL	Associação Regional dos Grupos Solidários de Geração de Renda
ASA	Articulação do Semiárido Brasileiro
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
CACTUS	Associação de Assistência Técnica e assessoria aos Trabalhadores Rurais e Movimentos Populares
CAFFP	Central das Associações de Fundo e Fecho de Pasto de Senhor do Bonfim
CAR	Companhia de Ação Regional
CEFFA	Centro Familiar de Formação por Alternância
CESOL	Centro Público de Economia Solidaria da Bahia
CFR	Casas Familiares Rurais
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
EAD	Educação a Distância
EFA	Escola Família Agrícola
EFAG	Escola família Agrícola de Antônio Gonçalves
EFASE	Escola Família Agrícola do Sertão
FATRES	Fundação de Apoio à Agricultura Familiar do Semiárido da Bahia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IRPAA	Instituto Regional da Pequena Agricultura Apropriada
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PJR	Pastoral da Juventude Rural
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
STTR	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Monte Santo-Bahia
SUAF	Superintendência de Agricultura Familiar
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. TRAJETÓRIA, PERTENCIMENTO E LUGAR DE FALA	15
2. EFASE: CONSTRUINDO UMA NOVA ESCOLA	34
3. EGRESSOS, TRAJETÓRIAS E ALGUMAS REFLEXÕES	51
3.1. CONSTRUINDO NOVAS PERSPECTIVAS	61
3.2. A ALTERNÂNCIA COMO UM PRINCÍPIO EDUCATIVO QUE INSPIRA UMA NOVA RELAÇÃO COM OS CONHECIMENTOS.	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi realizada partindo da seguinte indagação: em que medida os processos formativos realizados na Escola Família Agrícola do Sertão (EFASE) têm contribuído na trajetória profissional de estudantes egressos?

Ser filha de camponeses, pertencer a uma comunidade tradicional de fundo de pasto e ter uma trajetória marcada pela vivência da pedagogia da alternância na EFASE, foi a minha principal motivação para realizar este trabalho de conclusão de curso. O processo educativo que vivenciei durante os anos que estive na EFASE marcaram uma forma própria de lidar com os conhecimentos, sua produção e compartilhamento. Esse processo está sintonizado com a busca por uma educação contextualizada com a sociedade que constitui a própria escola. Uma escola que respeite o modo de vida dos camponeses e que apresente outras possibilidades de vida para os jovens do campo, que não seja se deslocar para grandes cidades.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) encontra-se estruturado em cinco partes: introdução, três capítulos e as considerações finais. O primeiro capítulo, intitulado “*Trajatória, Pertencimento e Lugar de fala*” busco descrever minha trajetória atrelada a relação que minha família estabeleceu com a EFASE. Busco descrever o contexto em que iniciei a relação com a EFASE, acompanhando atividades realizadas na escola e na minha comunidade. Apresento aspectos da minha vivência com os instrumentos pedagógicos utilizados como orientação da pedagogia da alternância. Ainda neste capítulo apresento os objetivos deste trabalho e os meus interlocutores: dez estudantes egressos da EFASE, que pertencem às comunidades de Muquém e Monte Alegre.

No segundo capítulo, intitulado “*EFASE: construindo uma nova escola*” busco uma contextualização do espaço em que se insere a Escola Família Agrícola do Sertão, e apresento alguns motivos pelos quais as famílias da região escolhem esta instituição como local para os adolescentes e jovens estudarem. Destaco como a escola se apresenta como outra possibilidade de construção de conhecimentos, e que contrapõe a educação hegemônica praticada por escolas públicas e privadas. Apresento como que as pedagogias utilizadas visam preparar os estudantes a aprender, a trabalhar constantemente na busca pelo diálogo entre conhecimentos que possibilitem que novos

conhecimentos sejam construídos visando enfrentar os desafios cotidianos das famílias das comunidades atendidas pela EFASE.

O terceiro capítulo, que tem por título ***“Egressos, trajetórias e algumas reflexões”*** é dividido em dois subcapítulos, que são dedicados a apresentar e refletir os resultados do trabalho de campo. Na introdução do capítulo, discorro sobre as diferentes trajetórias de engajamento social dos estudantes egressos interlocutores deste trabalho, mesmo que diferentes, são marcadas por processos de aprendizagem, vivenciados na EFASE, orientados por uma forma própria articular e construir conhecimentos. No primeiro subcapítulo (3.1) intitulado ***“Construindo novas perspectivas”***, apresento as perspectivas possíveis apontadas nas entrevistas, proporcionadas através da pedagogia da alternância, como a possibilidade de conciliar estudo e renda familiar, estudo e trabalho; a valorização profissional e o engajamento na vida social da comunidade. Apresento como os estudantes da EFASE são estimulados a se envolver com os movimentos sociais da região. No segundo subcapítulo (3.2), intitulado ***“A alternância como um princípio educativo que inspira uma nova relação com os conhecimentos”***, é dedicado a refletir como a alternância através de seus princípios e meios, desenvolve uma diferente forma de construção de conhecimentos, na contra mão da educação oferecida pelo ensino convencional.

Essa pesquisa tem o objetivo de gerar uma reflexão como a Escola Família Agrícola do Sertão desenvolve o território das comunidades sertanejas do semiárido baiano, se propondo a investigar a participação da Escola Família Agrícola do Sertão sobre o desenvolvimento das comunidades tradicionais de Fundo de Pasto, tendo foco duas localidades: Muquém e o Monte Alegre, ambas localizadas no município de Monte Santo – BA. Analisando as perspectivas dos estudantes egressos, no sentido de perceber como a educação recebida na EFASE contribuiu nas suas trajetórias.

Esta pesquisa foi desenvolvida tomando como método de abordagem uma análise qualitativa, cujos principais procedimentos adotados foram a minha memória pessoal, uma pesquisa de campo e análise bibliográfica. Neste contexto, através da pesquisa qualitativa, que inspirou as reflexões realizadas, relaciono o resultado das entrevistas com as reflexões dos autores e busco analisar a importância da pedagogia da alternância como elemento da educação oferecida pela EFASE na vida dos estudantes egressos e como isto reflete na sua atuação profissional de cada um.

A expressão “pesquisa qualitativa” assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e decodificar os componentes de um

sistema complexos de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distancia entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação. (NEVES, 1996, p. 1)

Neste sentido, foram realizadas entrevistas semiestruturada com dez estudantes egressos da EFASE, o momento foi conduzido por um roteiro de questões sobre a vivência dos entrevistados com a pedagogia da alternância ofertada pela escola, assim como suas trajetórias e perspectivas.

1. TRAJETÓRIA, PERTENCIMENTO E LUGAR DE FALA.

“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida”. (John Dewey)

Filha de camponeses e residindo no campo, pertencço à comunidade tradicional de Fundo de Pasto Muquém, no município de Monte Santo/BA. Ainda muito nova, com nove anos, ingressei na Escola Família Agrícola do Sertão (EFASE), no ano de 2007, no 6º ano do Ensino Fundamental. Antes mesmo desta data eu já tinha o interesse de estudar na instituição, pela relação que a minha família tinha com a escola desde a sua fundação. Meus pais, avós, tios e outras pessoas da comunidade fizeram parte do trabalho de preparação¹ realizado em diversos povoados para a fundação da escola. Foram organizadas atividades em Muquém, como em outras localidades envolvidas no processo de construção da EFASE. Desde pequena meus pais já me levavam para a escola nos mutirões que lá ocorriam, nos eventos realizados. Eu também participava das atividades que os estudantes da EFASE desenvolviam em Muquém.

Lembro que um dia saímos em um carro “pau de arara”² com destino a EFASE. A viagem era sempre muito animada, pois iam homens e mulheres cantando cânticos,

1 Este foi um momento importante na criação da escola, pois aconteciam reuniões em várias comunidades do município para discutir o formato de uma escola apropriada a vida camponesa. A princípio a discussão estava centrada na necessidade de uma educação de qualidade para os filhos dos camponeses e de como seria esta escola. Foi apresentada a experiência das Escolas Família Agrícola (EFAs), e refletido os meios e o processo para efetivação desta escola. Neste período aconteceu um processo de formação com os camponeses, intercâmbios e visitas com outras escolas famílias, a exemplo da EFA de Alagoinhas. Foi um período de muitas atividades.

2 Pau de arara é uma expressão que designou os caminhões que transportavam retirantes nordestinos, fugindo da seca em direção ao sul do País. Originalmente, é um cabo usado para transportar aves, como a arara, as pernas dos bichos são amarradas e, entre elas, uma trave apoiada nos ombros dos transportadores. Por analogia, os caminhões ficaram conhecidos como paus-de-arara por que as pessoas vêm sentados nas tábuas dispostas na carroceria. (TIRO DE LETRA, 2007)

contando histórias. Ao chegar na escola nos juntávamos com pessoas de outras comunidades e estudantes para limpar a área de plantio de palma, fazer cercas e aceiros, realizar alguns manejos nas culturas agrícolas, realizar melhorias na infraestrutura da escola, ajudando nas construções de casas, cisternas, fossas. As mulheres ajudavam também na cozinha, preparando alimentos e limpando as instalações. A realização de mutirões era a forma que a escola tinha de melhorar a sua infraestrutura e ao mesmo tempo manter uma relação de proximidade e compromisso com as diversas comunidades que compunham a base da escola. A participação ativa na construção e desenvolvimento da escola aumentava o interesse e o sentido de pertencimento de ser uma escola dos agricultores e colocarem seus filhos para estudarem lá.

As pessoas que participavam destas atividades na escola, eram pessoas simples que almejavam um ensino de qualidade para seus filhos, muitos tiveram sucesso ao ver seus filhos formados e preparados para o trabalho na região.

O que a gente esperava é que nossos filhos tivessem acesso a uma escola que ensinasse a valorizar a sua região, a nossa região. A gente não tinha tanto conhecimento, por exemplo está questão dos projetos que eram destinados aqui para o nordeste, os agricultores reclamavam a respeito da assistência técnica que não tinha, o recurso que tomava o empréstimo não gerava renda, por que não tinha um acompanhamento, não tinha o conhecimento. Então com a formação da escola família os jovens iam ajudar a gente nas comunidades a desenvolver melhor nas nossas roças, assim como aprendemos muita coisa até hoje, técnicas de convivência com o nosso sertão. E nossos filhos, irmãos, tomar gosto para continuar vivendo por aqui. (Manoel de Andrade Souza, entrevista concedida no dia 16/12/2018).

O campo é o espaço de vida. Nele se projetaram estereótipos sociais que desvalorizam os modos de vida específicos que ali se formaram e que justificariam a pouca relevância das políticas educacionais onde encontramos os maiores índices de analfabetismo. De acordo dados do (IBGE, 2000), a taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais de idade em Monte Santo, no ano de 2000, era 44,2% e em 2010 35,6% (IBGE, 2010). Sem a escola, como base essencial de formação nesse mundo contemporâneo, os povos do campo ficam excluídos do acesso a um determinado tipo de conhecimento. Essa exclusão limitaria as potencialidades dos sujeitos do campo e em decorrência os deixariam mais vulneráveis aos processos de opressão e exclusão social.

A educação rural no Brasil, por motivos sócio-culturais, sempre foi relegada a planos inferiores, e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional, aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político-ideológica da oligarquia agrária conhecida popularmente na expressão: “gente da roça não carece de estudos. Isso é coisa de gente da cidade”. (LEITE, 1999, p. 14)

Naquela época era muito difícil a gente ver um jovem concluir os estudos dele,... a formação começava, chegavam na 5ª série muitos desistiam,

chegavam na 8ª série desistia, e nunca chegava... assim, para você ter uma ideia quando iniciou a escola família, aqui no Muquém a gente tinha os primeiros alunos que a gente conseguiu pra iniciar na 5ª série, o Zezé tinha 22 anos e o Adilson uns 23 anos de idade, e estavam ainda para começar a 5ª série. Isso por que naquela época ainda estava muito próximos, por exemplo, meu pai ele não teve acesso a escola, ele conta para a gente que o pouquinho de leitura que ele sabe foi os pais que pagaram um professor para ensinar eles e aí ele quando produziu família e os filhos dele, a intenção deles era trabalhar pra sobreviver, então não tinha esta oportunidade que tem hoje, Hoje, com muitas discussões, hoje tem o Bolsa Família, que é uma coisa que ao invés do filho ir trabalhar para ajudar o pai, com o bolsa família os filhos vão para a escola e ela garanti o pão na mesa, enquanto eles estão na escola, que naquela época não tinha, ou você ia para o motor do sisal, plantar palma ou ia cuidar dos animais ou ia cavar uma conta de chão ou você não tinha pão na mesa, aí tinha que os filhos estarem ajudando a família, se não passava fome. Aí priorizava a mesa e não o ensino, a escola.

(Manoel de Andrade Souza, entrevista concedida no dia 16/12/2018).

Aos sujeitos do campo são negados pelo poder público direitos, como o acesso a uma educação pública de boa qualidade. Foram excluídos, por muitos anos, de várias políticas públicas ou estas são, em sua maioria, inadequadas aos modos de vida existentes. Quando as comunidades rurais tinham acesso a algum tipo de escolas, estas eram precárias e descontextualizadas da cultura local.

[...] a imagem que sempre temos na academia, na política, nos governos é que para a escolinha rural qualquer coisa serve. Para mexer com a enxada não precisa de muitas letras. Para sobreviver com uns trocados, para não levar manta na feira, não precisa de muitas letras. Em nossa história domina a imagem de que a escola no campo, tem que ser apenas a escolinha rural das primeiras letras. A escolinha cai não cai, onde uma professora que quase não sabe ler, ensina alguém a não saber quase ler. (ARROYO e FERNANDEZ, 1999, p. 16-17)

Isto pelo fato da cultura hegemônica³ de depreciar os valores, as crenças e os saberes tradicionais dos povos do campo, impondo um modelo de educação básica para o campo com um currículo da escola destinada para um ambiente urbano, também idealizado e descontextualizado, na tentativa de esquecer a cultura do campo.

Como se os valores, a cultura, o modo de vida, o homem e mulher do campo fossem uma espécie em extinção. Uma experiência humana sem mais sentido a ser superada pela experiência urbano-industrial moderna (p. 23)

³ Analisando os mecanismos de preservação do poder nas sociedades capitalistas, importantes teóricos da educação chegaram à conclusão básica de que o sistema educacional cumpre a função de reproduzir a ideologia cultural das classes dominantes. Bourdieu e Passeron entendem que a instituição escolar exerce a violência simbólica na medida em que reproduz culturalmente os conhecimentos e valores necessários à transmissão social das desigualdades e injustiças. Nesta perspectiva, a escola é vista como uma agência especializada em promover inculcação ideológica, contribuindo, assim, para preservar as estruturas de poder e a opressão social. (COTRIN, 1989, p. 53-54)

Essa escola descontextualizada cada vez mais faz o jovem do campo se afastar da sua realidade. Minha trajetória permite que eu afirme a necessidade de aproximar trabalho e escola para os camponeses, pois a escola precisava agregar conhecimentos e assim ajudar a família no trabalho cotidiano. O trabalho familiar camponês está diretamente ligado a reprodução física, cultural e social do seu grupo. A desvalorização deste trabalho pela escola acaba por forçar os jovens a escolher entre ir a “escolinha cai não cai” ou ir ajudar a família na “labuta” do dia a dia. Eu acompanhei, por algumas vezes, jovens que eram obrigados a fazer esta escolha entre a escola e o trabalho. A busca por renda, a busca por algum recurso financeiro em outras formas de trabalho⁴ ou na roça mesmo, ganhava esta disputa.

Os filhos dos camponeses experimentam uma necessidade maior de aproximação entre o trabalho e o estudo, visto que a maior parte deles ingressa cedo nas lidas da roça para ajudar a família, de onde se retira a expressão agricultura familiar. Mas na escola apenas se estuda, e este estudo nada tem a ver com o trabalho que o camponês desenvolve com a terra. (RIBEIRO, 2012, p. 295-296)

É na busca por soluções para essa realidade que surgem as demandas da educação do campo, com o objetivo de valorizar a cultura camponesa e suas lutas, transformando os agricultores e as organizações envolvidas nessa luta em protagonistas de sua própria educação. A partir da organização dos trabalhadores do campo e seus movimentos por luta na efetivação de direitos essenciais a sua reprodução, que eu visualizo ser possível alcançar patamares mínimos de desenvolvimento de seus territórios de vida⁵ a partir da perspectiva de transformação social. O desejo de uma escola que esteja ligada a vida e a luta das famílias camponesas.

[...] Escola sim, mas vinculada ao mundo do trabalho, da cultura, ao mundo da produção, vinculada à luta pela terra, ao projeto popular de desenvolvimento do campo. (ARROYO e FERNANDEZ, 1999, p. 23)

Os pais envolvidos na construção da EFASE objetivavam que seus filhos poderiam ter acesso a uma escola com educação contextualizada e não teriam mais a necessidade de irem para a cidade em busca de estudo e emprego. Nesta perspectiva os agricultores abraçaram a ideia da Escola Família Agrícola e começaram o processo de

⁴ Atendente de supermercado, entregador de feira, babá, trabalhos domésticos em casas de famílias, camelô, entre outros.

⁵ Para superar a compreensão do território como uno, singular, discutimos diferentes formas do território, como pluralidade. Temos territórios materiais e imateriais: os materiais são formados no espaço físico e os imateriais no espaço social a partir das relações sociais por meio de pensamentos, conceitos, teorias e ideologias. Territórios materiais e imateriais são indissociáveis, porque um não existe sem o outro e estão vinculados pela intencionalidade. A construção do território material é resultado de uma relação de poder que é sustentada pelo território imaterial como conhecimento, teoria e ou ideologia. (FERNANDES, 2013, p. 200)

mobilização e construção de nossa escola, uma escola vinculada ao modo de vida do educando.

Meu pai sempre teve uma participação ativa na comunidade, com destaque nas lutas sociais por acesso a direitos e melhoria da qualidade de vida. Chegou a fazer parte da coordenação da associação mantenedora da EFASE, e na associação de Muquém chegou a ser presidente. Sempre fez parte da diretoria, participava de grupo jovem, foi monitor no programa de Educação Popular de alfabetização de jovens e adultos. Já era sócio e posteriormente coordenador de base do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município. Minha mãe desde 1990 começou a fazer parte da Pastoral da Criança sendo líder comunitária. Também fez parte do grupo jovem e da associação. Minha família sempre teve uma participação muito assídua, assim eu e meus irmãos crescemos participando de várias atividades de cunho social, sempre presentes nas discussões por melhorias na comunidade e região. Cada espaço de atuação estimulava um maior interesse em continuar a participar. Desta forma, por inspiração da família e interesse próprio, passei a vivenciar a experiência da EFASE, e nesta escola viver a Pedagogia da Alternância.

Pedagogia da Alternância é um projeto educativo que vai além da alternância em si, que organiza o processo de ensino-aprendizagem, alternando em dois espaços distintos: a família e a comunidade sendo o meio social e a escola. Na EFASE esta pedagogia promove uma educação contextualizada com o meio rural, promovendo uma inter-relação entre o trabalho, a educação e a vida, através da articulação entre Tempo Escola (TE) e Tempo Comunidade (TC). O tempo comunidade é o espaço de vivência onde os sujeitos se formam nas experiências empíricas, ou seja, no seu próprio cotidiano, onde há uma enorme complexidade de saberes culturais, sociais, econômicos, etc. No Tempo Escola todos esses saberes devem ser a base para reflexões nas temáticas das disciplinas, que devem ser trabalhadas na perspectiva de desenvolvimento do meio onde vivem os estudantes. O retorno para a comunidade é marcado pelo desenvolvimento de técnicas aprimoradas no tempo-escola.

Alternância de tempo e de local de formação, ou seja, de períodos em situação sócio profissional e em situação escolar;
[...] uma outra maneira de aprender, de se formar, associando teoria e prática, ação e reflexão, o empreender e o aprender dentro de um mesmo processo. A Alternância significa uma maneira de aprender pela vida, partindo da própria vida cotidiana, dos momentos de experiências colocando assim a experiência antes do conceito. A Pedagogia da Alternância, nos CEFFAs, dá a prioridade à experiência familiar, social, profissional, ao mesmo tempo como fonte de conhecimentos, ponto de partida e de chegada do processo de aprendizagem, e como caminho educativo (GIMONET, 1999, p. 44-45)

Esse desenvolvimento deve trazer uma troca mútua de saberes entre os educandos e os sujeitos do meio, sempre respeitando os saberes construídos ao longo das gerações.

Nesse movimento educacional que dinamiza a participação e o diálogo, a alternância possibilita o empoderamento do sujeito do campo através da aprendizagem como experiência. (LARROSA, 2011)

Minha experiência vivenciada na formação em alternância me trouxe a perspectiva que esta pedagogia tem como objetivo principal possibilitar a educação em tempo integral, envolver as famílias na educação dos filhos, fortalecer a prática do diálogo entre os diferentes agentes que participam dos processos de formação dos educandos. Aprendi que é essencial na formação dos estudantes camponeses/as a perspectiva de fortalecer seus modos de vida. Estudar e continuar no campo, contribuir nos trabalhos da propriedade familiar, participar ativamente na vida comunitária e desenvolver alternativas de permanência com qualidade na terra, tradicionalmente ocupada, são requisitos básicos que orientam a ação educadora da EFASE.

A EFASE se utiliza da Pedagogia da Alternância como uma forma de interação entre conhecimentos trabalhados no ambiente escolar e conhecimentos trabalhados no ambiente da comunidade, na qual a família do estudante está inserida. O ir e vir constante entre o espaço/tempo escola e o espaço/tempo comunidade proporcionado pela Pedagogia da Alternância, associado aos seus Instrumentos Pedagógicos⁶,

⁶ Os Instrumentos Pedagógicos são ferramentas que possibilitam organizar os registros das informações/conhecimentos. Como exemplo cito o “Plano de Estudo” que é uma pesquisa participativa que o jovem aplica em seu meio e realiza a colocação em comum, espaço de socialização e sistematização da pesquisa do Plano de Estudo. O “Caderno da Realidade” é um livro da vida do (a) jovem, local onde registra as suas pesquisas e todas as atividades ligadas aos Planos de Estudos nos ciclos das alternâncias. As “Viagens e Visitas de Estudo” se constituem de uma atividade complementar ao tema do Plano de Estudo que implica em intercambiar experiências concretas. as “Colaborações externas” são palestras, testemunhos ou cursos complementares ao tema pesquisado pelo plano de estudo. Geralmente, são dados por profissionais, lideranças parceiras que colaboram com a EFASE. os “Cadernos Didáticos” são uma modalidade de “livro didático” elaborado para dar o aprofundamento do Plano de Estudo. Os “Estágios” são vivências práticas em meios produtivos, organizações sociais, serviços, empresas em geral. As “Atividade de Retorno” são experiências e atividades concretas na família ou comunidade, a partir dos Planos de Estudos. As “Visitas às famílias e comunidades” são atividades realizadas pelos(as) monitores(as) para conhecerem a realidade e acompanhar as famílias e jovens em suas atividades produtivas e sociais. Representa a extensão do CEFFA (Centro Familiar de Formação por Alternância) em seu meio. Os “Serões de Estudo” são um espaço para debates sobre temas variados e complementares escolhidos junto com os/as jovens. Os “Caderno de acompanhamento da alternância” se referem a um documento que registra o que é feito na escola e no meio socioprofissional, é um instrumento de comunicação e avaliação entre escola-família e família-escola. O “Projeto Profissional”: o aluno vai amadurecendo ao longo dos anos o que pretende desenvolver no campo da produção, da transformação ou de serviços, bem como continuação dos estudos. No último ano ele sistematiza o projeto a partir de um roteiro definido pelo CEFFA e da orientação dada pela equipe de monitores. As “Avaliações” se

possibilitou trabalhar sistematicamente minha inserção social, dentro da minha própria comunidade. A escola incentivava a participação ativa, seja na associação comunitária, ou na realização de práticas de convivência com o semiárido com os agricultores. Instrumentos como “Atividades de Retorno” (AR) e o “Plano de Estudo” (PE) orientavam as atividades acadêmicas em cada sessão. A escola solicitava atividades para serem realizadas diretamente com as famílias da comunidade, indagando sobre as dificuldades, os costumes e principalmente os conhecimentos que os agricultores possuíam sobre diversos assuntos, como: família, clima, água, saúde, alimentação e nutrição, associativismo, acesso à terra, culturas agrícolas, criações, comercialização, trabalho, meio ambiente, educação, meios de comunicação, meios de transporte, gênero, lutas sociais, reforma agrária, agroindústrias, sistemas de produção, etc.

A escola é organizada por trimestre e tem dez sessões no total. No ensino fundamental utiliza os temas do “Plano de Estudo” para orientar os conteúdos das disciplinas. Há um monitor responsável pela elaboração do Plano de Estudo, que reúne a turma e apresenta o tema daquela sessão específica. Os estudantes se reúnem em grupos e discutem possíveis perguntas para realizar nas comunidades. A turma toda reunida novamente escolhe as melhores perguntas e toda a turma leva um questionário com as mesmas perguntas para fazer com as pessoas de suas comunidades. Ao retornarem à EFASE os estudantes socializam as respostas e constroem uma síntese que retorna para a comunidade junto a uma atividade de retorno no Tempo Comunidade. Esta atividade é uma resposta às inquietações ou solicitação das comunidades durante a realização do Plano de Estudo. Educação, saúde, gênero, sistema de produção são exemplos de temas que apresentam uma grande relevância para a discussão na comunidade, tanto para compreender a situação de cada local, de cada tema específico realizando reflexões que servirão para a comunidade assim como para a aprendizagem do educando. Ênfase que a escola estimula o estudante tanto em conhecer a realidade da sua família como a se interessar em como está a saúde na comunidade, a educação, se correspondem ao que necessitam ou se deixam a desejar, o que fazer para encontrar melhorias.

Na minha comunidade eu realizava os Planos de Estudos sempre em uma reunião específica para este fim. Primeiro realizava o exercício de convidar as famílias da comunidade para se reunirem no centro comunitário. No dia da reunião eu

constituem em um processo contínuo e abrangem aspectos do conhecimento, das habilidades, convivência em grupo e posturas. Todos avaliam e são avaliados. (BEGNAMI, 2006)

apresentava as perguntas às pessoas presentes e enquanto eles iam respondendo eu ia escrevendo as respostas. Como eram respostas coletivas sempre existia uma discussão acerca do tema, pois cada um dos presentes ia expondo sua opinião. Na sessão seguinte reunia as pessoas novamente e, se fosse uma atividade para realizar alguma prática agrícola, esta era feita na propriedade de algum agricultor de Muquém. Se fosse uma exposição sobre algum tema específico era realizado em forma de reunião no centro comunitário.

Na nona sessão do Tempo Escola da 8ª série em 2010, o tema do Plano de Estudo foi Sistema de Produção, e os estudantes daquela turma elaboraram junto a um monitor as questões sobre o tema para serem refletidos nos locais de referência de cada aluno. Naquela época os locais eram: Assentamento Rose em Santaluz, comunidades de Monte Alegre, Muquém, Paredão do Lou em Monte Santo e os assentamentos Belo Monte e Nova Vida em Cansanção. As questões foram as seguintes:

1. O que a comunidade entende por sistema de produção?
R – A comunidade entende que sistema de produção é a forma que produz, os materiais usados, havendo ou não uma evolução no sistema.
2. Quais as formas de produção existentes na comunidade?
R – As formas de produção existentes na comunidade são: mutirão, individual e implementos agrícolas.
3. A comunidade vê alguma diferença no sistema de produção de antes em relação ao de hoje?
R – Vê, pois, as máquinas fazem os trabalhos mais rápidos, exemplo: antes demora aproximadamente oito dias para limpar tarefa de terra e hoje o mesmo serviço é realizado em poucas horas.
4. Com o sistema de produção de hoje que vantagem ou desvantagem a comunidade percebe que existe?
R – As vantagens é que é mais rápido, diminui o trabalho das pessoas e assim podendo haver uma longevidade, e há a comercialização dos produtos. Uma desvantagem é o uso de insumos químicos na produção, aqui a comunidade dificilmente o agricultor que usa, mas nos produtos comprados na feira é afetado.
5. Quais os instrumentos utilizados na produção da comunidade? Houve mudança ao longo desse tempo?
R – Trator, arado a animal, máquina de plantar, enxada, besouro, carroça. Houve mudanças sim, pois antigamente era usado apenas o arado animal e a enxada, outra mudança é que antigamente quando limpava uma roça faziam as coivaras e queimava tudo, deixava limpa, hoje já fazemos os camaleões e deixamos na roça para servir de matéria orgânica.
6. Como é o sistema de produção relacionado a criação de animais ou plantação da comunidade?
R – Relacionado a criação de animais o sistema é intensivo.
7. Quais as técnicas os produtores aplicam para se ter uma boa produção? E quais fins levam estes produtos?
R – Em relação aos animais é ter um bom manejo reprodutivo, sanitário e alimentar, e os fins é vender, abater para a própria alimentação, os ovos vende e se alimenta. Em relação as plantações é cuidar dependendo do tempo, e os fins é para a própria alimentação e para a venda do excedente.
8. Há projetos na comunidade que ajudam no desenvolvimento do sistema de produção dos moradores? Quais são e eu resultados está tendo?

R – Há, a parceria entre a EFASE e a SUAF (Superintendência de Agricultura Familiar), onde somos beneficiados o com acompanhamento técnico nas famílias, Vencer Juntos, Solidariedade e Vida, forrageira. Está ajudando os produtores a desenvolver as atividades corretamente, e a forrageira que está ajudando a conscientizar a fazer forragens para a época de seca.

Assim no Tempo Comunidade, convidei as famílias da minha comunidade para uma reunião, que aconteceu no dia dezesseis de novembro de dois mil e dez, com a presença de dezenove pessoas. Esta reunião tinha por objetivo discutir o tema do Plano de Estudo respondendo os questionamentos. Foi iniciada a reunião com a apresentação do tema e sendo realizadas as perguntas para as pessoas presentes, que respondiam. Eu escrevia as respostas e depois realizava a pergunta seguinte e assim sucessivamente.⁷ Ao chegar na escola foi realizado a colocação em comum dos “Plano de Estudo” e realizado a “Síntese”, que depois foi apresentada na comunidade em uma reunião da associação.

Estas atividades, mesmo que se possa apontar certa fragilidade, tanto relacionada à profundidade na elaboração das perguntas e na sistematização das respostas, iam criando uma relação de confiança dentro da comunidade, quebrando as barreiras da timidez e gerando o aprendizado do trabalho junto aos agricultores, respeitar seus conhecimentos e acima de tudo aprender com eles e socializar na escola, apresentando e conhecendo outras realidades expostas pelos colegas. Nos espaços de socialização, ocorria também a troca de conhecimentos, onde eu ensinava algumas técnicas para os agricultores, por vezes realizando práticas nas propriedades destes, aumentando também a minha credibilidade dentro da comunidade. Isto reforça que a educação me surgiu como a base para a formação humana, política e profissional de todo e qualquer sujeito. Percebo que essa formação se torna essencial em três elementos: a família, matriz formativa de valores e conceitos; o meio social, o ambiente de convívio e a escola, o espaço organizado de trabalho com o conhecimento.

A relação entre uma escola de boa qualidade e a organização social é fundamental. A escola é uma instituição forjada no interior da sociedade. A experiência que acompanho da EFASE reitera essa relação, na qual não se relega ao Estado, nem a um grupo de notáveis, de técnicos ou especialistas, a organização e a condução exclusiva das atividades de ensino que aconteciam. A organização comunitária, através

7 As respostas coletivas e sintetizadas de cada questão feita nesta reunião estão acima apresentadas.

de uma associação mantenedora composta por pais, alunos, monitores, egressos e entidades parceiras também se responsabiliza pelas atividades de ensino. A educação contextualizada que vivenciei permite afirmar que a escola deve ser resultado da interação social no meio em que se insere, selecionando as questões de ensino que são relevantes aos sujeitos que dela fazem parte.

Passar quinze dias na escola junto a diversos colegas, vai além de aprender a ler e escrever, vão se criando laços que propiciam aos estudantes uma segunda família.⁸ São agregados alguns aprendizados, tanto na convivência em coletivo, como respeitar o próximo, isso significando respeitar pensamentos e perspectivas diferentes do seu, respeitar outros costumes. Com a valorização de espaços de interação, nas quais culturas, saberes, conhecimentos são relacionados a vida no campo e articulados em vistas da construção de trabalhos em prol do desenvolvimento das comunidades rurais, percebi o sentido em uma escola que visa melhorar a qualidade de vida das famílias camponesas.

Na EFASE há o reconhecimento da educação como um trabalho social que proporciona a organização dos sujeitos do campo, através de uma formação de consciência crítica diante das mazelas encontradas no município. Segundo dados do (IBGE, 2010) o índice de desenvolvimento de Monte Santo são 0,506, sendo uma das cidades com IDH mais baixo do país, destaco ainda a desigualdade na distribuição de terras, “muita terra na mão de poucos e pouca terra na mão de muitos”. Outro destaque é a precariedade no acesso ao atendimento médico/hospitalar, na qual, na maioria das situações é necessário se deslocar para outras cidades, a exemplo de Salvador, capital. A precariedade na educação se relaciona a uma educação descontextualizada, algo recorrente na maior parte das escolas do município. Aponto que há um grande número de fechamento das escolas rurais e conseqüente a nucleação de escolas. Acarretando em escolas mais afastadas dos contextos sociais dos estudantes. Entre os anos de 2009 a 2018, no município de Monte Santo, foram fechadas diversas escolas que compõem a

⁸ A expressão “segunda família” aqui utilizada indica a formação de um grupo que ao conviver junto, mesmo que provisoriamente sob um mesmo teto, em um mesmo espaço e ao mesmo tempo em que se partilham sentimentos de respeito, amizade, companheirismo, cuidado com o próximo. Um grupo que desenvolve o afeto como elemento fundamental que estabelece um elo entre seus membros. Este esclarecimento visa distinguir a expressão “segunda família” de uma gama de possibilidades encontradas na literatura que versa sobre parentesco. Como introdução indico o livro “Os domínios do parentesco: filiação, aliança matrimonial e residência”, de Marc Augé. (AUGÉ, 2003)

rede municipal de ensino, sendo 03 localizadas na zona urbana e 117 na zona rural. (BRITO, 2018, p. 75)⁹

Assim a educação quando vinculada à conquista de outros direitos possui um caráter de construção da mudança, em que novas ferramentas são construídas para a transformação da realidade social. Na minha perspectiva a EFASE apresenta uma educação diferenciada em que os monitores estimulam o senso crítico nos educandos que vão descobrindo os problemas sociais e criando um interesse em transformar a realidade. Este trabalho de conclusão de curso busca aferir como a escola tem formado seus estudantes. Através de entrevistas com estudantes egressos da EFASE busquei relacionar a formação da EFASE e a vida profissional dos estudantes formados por ela.

Gostaria de destacar de ante mão que o currículo da escola é ampliado, vai além de conteúdos disciplinares, e prevê processos de auto-organização dos educandos em que tem como objetivo:

[...] proporcionar espaços e tempos de organização e cooperação, tanto para o estudo como para o trabalho, desenvolvendo o espírito de iniciativa, o trabalho em grupos, a capacidade de lidar com os problemas de forma coletiva e solidária, de criar novas formas de organização. Devem permitir também que os educandos ocupem diferentes tarefas e posições na sua estrutura organizativa, isso como forma de qualificação, como também em termos de diferentes níveis de responsabilidade no comando e na execução das tarefas. (AREFASE, 2012, p.10).

Os tempos educativos são divididos em Tempo Escola e Tempo Comunidade. O Tempo Escola constitui-se em: aulas, seminários, místicas, trabalhos (práticas agropecuárias, de manutenção e limpeza), leituras, lazer e esporte, oficinas, reflexão escrita, viagem de estudo, intervenções externas e estágio.

As aulas acontecem diariamente, onde são trabalhados eixos temáticos e áreas de conhecimento do currículo da escola. Organizam-se a articulação de atividades comuns entre as turmas, buscando incentivar a interdisciplinaridade. As aulas têm duração de uma hora e meia, e são ministradas em tempo integral, com disponibilidade para atividades práticas.

Outro espaço de formação são os seminários, onde os educandos organizam-se em grupos por turmas para aprofundar o estudo em determinado tema, e quando

⁹ Pesquisa intitulada por Fechamento das escolas do campo no município de Monte Santo - BA: implicações para algumas comunidades rurais. Realizada pela pesquisadora Crislayne dos Santos Brito como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, apresentado e aprovado em setembro de 2018.

necessário e possível a procura de assessores que ajudem na melhor compreensão do tema estudado.

O tempo mística é um momento diário, que acontece na escola, debaixo do umbuzeiro, onde se cultiva a mística dos povos do campo¹⁰. De forma planejada os estudantes são quem realizam estes momentos.

O tempo trabalho se compõe de atividades realizadas diariamente, onde o educando desenvolve alguma prática, braçal ou intelectual, sendo que este trabalho busca estimular à convivência e à prática da coletividade. As organizações destes trabalhos acontecem entre estudantes com auxílio dos monitores.

Assim, este trabalho de pesquisa parte da perspectiva que a educação não é algo neutro, ela se insere em contextos sociais repletos de conflitos, repletos de contradições. Isolar a educação dos conflitos da sociedade que ela permeia é uma forma de naturalizar as injustiças e as desigualdades. Este trabalho também carrega a perspectiva de que os educadores têm a responsabilidade contínua de formação dos sujeitos da classe trabalhadora¹¹ e que necessitam a todo momento refletir sobre as implicações de sua atividade na formação do indivíduo inserido em sua comunidade e, conseqüentemente, na transformação da realidade social.

Assim a educação escolar teria que objetivar uma constante de mudança de atitude, deveria ser uma educação que levasse o ser humano a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço, utilizando uma pedagogia que começa pelo diálogo, pela comunicação, por uma intervenção humana que possibilite ao próprio povo a elaboração de uma consciência crítica do mundo em que vive. "A dialogação implica na responsabilidade social e política do homem. Implica num mínimo de consciência transitiva, que não se desenvolve nas condições oferecidas pelo grande domínio" (FREIRE, 2009, p. 78)

10 A mística é um momento de integração entre os jovens, onde os mesmos trabalham músicas, poemas e versos, muita arte, teatro e expressão corporal, resgatando memórias e momentos que marcaram história de suas caminhadas. *"A mística é essa grande força companheira que nos acompanha. Ela é o alimento da imaginação, sem imaginação não há futuro. Sem mística, as pessoas secam por dentro, como as árvores ocas. Perdem a consistência, embora fiquem em pé por mais algum tempo"*. (BOGO, 2002, p. 225)

11 "A classe não é formada pelos camponeses dispersos, mesmo que haja, em certo aspecto, uma relação social localizada, estabelecida naturalmente, que permita que eles se conheçam. Neste sentido, qualquer iniciativa que se tome, seja no campo da educação da cultura ou mesmo de cooperação, por meio da entre-ajuda, são esforços que não constroem a classe nem elevam a consciência para o nível superior... Campo é território onde convivem as diversas forças; classe é gente organizada e em luta. A educação dissociada da organização não potencializa a classe". (BOGO, 2008, p. 140) "a identidade de classe se forma quando há reações concretas de lutas para não aceitar passivamente aquilo que está estabelecido por força da classe dominante" (p. 118)

A EFASE possui o regimento interno, que são regras que estabelecem os direitos e deveres dos estudantes, monitores e visitantes, dentro da escola e em locais onde estejam representando-a como em viagens de estudo e estágios. A desobediência destas regras resulta em advertências, punições e transferências. Assim, ao descumprir uma das regras da escola fui transferida e não concluí o Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio, ofertado pela EFASE. Saí em 2012, no 2º ano e fui concluir o Ensino Médio no Colégio Estadual Luís Eduardo Magalhães.

Aqui apresento uma contradição entre as posturas pedagógicas mais libertárias, como as preconizadas por Paulo Freire (autonomia e oprimido) com a necessidade de ordenamento em uma instituição que lida com adolescentes e está inserida em uma comunidade de valores cristãos, muitos atrelados ao catolicismo de base popular. Vivenciei pessoalmente momentos de tensão entre uma postura mais libertária e humana, que busca aproximar laços afetivos, com uma postura de ordenamento em que determinados laços afetivos são proibidos e punidos. Hoje percebo que esta é uma questão que atinge outras escolas famílias agrícolas.

Retornando a exposição da minha trajetória, estudar em um colégio da rede pública foi uma experiência interessante e desafiante, pois pude vivenciar o cotidiano desta escola e perceber algumas implicações das relações nela estabelecidas. Assim, a rotina se baseou em todos os dias letivos do ano ir esperar o ônibus escolar que vinha de uma comunidade vizinha e passava pelas proximidades de minha casa, e ia para a cidade estudar no turno vespertino, momento em que a maioria dos estudantes são da zona rural do município.

A maioria dos professores eram compromissados em dar suas aulas, no entanto os conteúdos não eram contextualizados com a realidade dos educandos, como por exemplo, nas disciplinas de matemática e física os professores ensinavam as fórmulas dos conteúdos, mas não apresentavam como aquele conhecimento era utilizado no dia a dia.

Percebia-se também pouco interesse dos estudantes em participar das aulas, em estar presente na sala de aula, em especial nas sextas-feiras, dias de feira na cidade. A sala era praticamente esvaziada pelos estudantes que não compareciam na aula, e isto, era tratado com normalidade pela escola, não havia nenhuma forma de trabalhar esta questão além dos portões do colégio fechado, o que não era problema para muitos, pois pulavam o muro. Outra diferença percebida, o colégio é murado, com seguranças em seus respectivos portões, e os estudantes eram obrigados a usar fardas. Esse período foi

importante também pois construí relação de amizade com diversas pessoas, tanto colegas de sala, professores e colegas de ônibus. Relembro que o ônibus quase sempre dava defeito no caminho e tínhamos que terminar o percurso em outros ônibus, chegávamos atrasados na aula ou tarde em casa.

No entanto, os valores (solidariedade, honestidade, ética, respeito às diferenças, humildade, companheirismo, etc.) que me foram agregados durante os seis anos de estudante em que passei na EFASE e a participação ativa da minha família no cotidiano da escola, me levaram dar continuidade a relação de compromisso social já estabelecida.

Uma outra organização, a Pastoral da Juventude Rural (PJR)¹² propiciou uma participação social motivada por minha inquietude com as mazelas sociais e a vontade de continuar a contribuir socialmente com a formação e construção de saídas para o povo camponês. Iniciei uma caminhada enquanto militante da PJR, que conheci através de colegas e de monitores da EFASE. Mas foi mais precisamente quando saí da EFASE que eu comecei a participar das atividades da PJR por incentivo de minha prima, Ludmila, que na época já era egressa da EFASE e estava como coordenadora estadual da Pastoral da Juventude Rural. Ainda no fim de 2012 participei de um encontro municipal, com a presença de jovens de várias comunidades do município. Este era um encontro de preparação para a assembleia estadual, espaço que também participei. Depois destes encontros passei a participar das escolas de formação estadual e nacional da PJR, seminários, assembleias entre outras atividades, chegando a fazer parte da Coordenação Nacional enquanto representante estadual.

Com apoio das instâncias organizativas da PJR e do movimento educacional fomentado pela EFASE, que apresentaram a possibilidade de eu voltar a estudar na escola pelo curso de Tecnólogo em Agroecologia, curso do PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) da UFRB em parceria com a EFASE. No entanto escolhi estudar no curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências Agrárias, na qual a seleção era por meio do mesmo vestibular. Passei a compreender que deveria me engajar diretamente no processo de construção de uma educação crítica e contextualizada com a realidade dos camponeses,

¹² A Pastoral da Juventude Rural (PJR) é uma entidade de base da igreja católica que atua na perspectiva de fomentar as condições de possibilidade para a permanência do jovem no campo, organizando os jovens, para que busquem meios de ter uma vida digna no campo, com acesso a direitos que são negados historicamente, para que tenham oportunidades de estabelecer condições de viver dignamente no campo.

proporcionando aos sujeitos do campo uma educação de qualidade, educação que há muito tempo foi restrito o acesso.

Retomando a base de constituição da EFASE, que tenho como referência como uma escola de qualidade, destaco que a escola surgiu de um trabalho de mobilização comunitária, fruto da percepção de alguns agentes e lideranças de camponeses relacionados com a situação da grande maioria das famílias da região, em um processo de organização popular em que a escola poderia se tornar mais uma ferramenta de transformação das situações de injustiças ligadas à questão agrária deste território sertanejo e o acesso dos agricultores e filhos de agricultores a uma educação de qualidade.

Naquela época que os movimentos foram se discutindo a questão do êxodo rural e também a questão que a gente estava percebendo que as escolas públicas elas preparam os jovens para as grandes cidades e Nelson trazendo a experiências das Escolas Famílias que já tinham no Brasil, vimos a necessidade de fundar uma escola família em Monte Santo também, Monte Santo e Região. E aí começou a discussão e a causa maior da escola família, a necessidade maior de fundar a escola família foi a questão de uma formação voltada para nossa região, preparar os jovens para trabalhar no sertão. As reuniões aconteciam debaixo dos pés de umbuzeiros, na época nem todas as comunidades tinha sede de associação, tinha igreja, a gente aproveitava até debaixo dos pés de umbuzeiros para fazer os encontros, para ta discutindo os valores eu tinha a escola família, trazer pessoas de outras escolas para vim dizer qual as experiências, era uma troca de experiência, então viam pessoas de outras escolas para cá e iam pessoas daqui para conhecer outras escolas, levar informação e trazer informação e era se dado nas reuniões de base nas comunidades.

(Manoel de Andrade Souza, entrevista concedida no dia 16/12/2018).

A EFASE foi criada com o intuito de proporcionar uma formação geral aos jovens desta região, basicamente voltada aos aspectos políticos, econômicos, ambientais, sociais e culturais. Uma educação que reforce mais o caráter de mobilização, organização e participação comunitária e a própria viabilidade de crescimento da agricultura familiar, bem como das técnicas agrícolas calcadas numa convivência com o semiárido¹³. Desta forma, a relação da escola com as comunidades

¹³ A concepção de convivência com o Semiárido teve seu impulso no final da década de 1990, com a criação da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), que atualmente reúne mil organizações da sociedade civil, dentre elas ONGs, igrejas e movimentos sociais. Um espaço de articulação política com a finalidade de: “Contribuir para a implementação de ações integradas para o semiárido; a conservação, o uso sustentável e recomposição ambiental dos recursos naturais; a quebra do monopólio do acesso à terra, água e outros meios de produção; apoia a difusão de métodos, técnicas e procedimentos que contribuam para a convivência com o semiárido” (ASA BRASIL, 2001, p. 71). A convivência com o Semiárido só torna possível a partir de outros interesses no relacionamento entre os seres humanos e a natureza, que não o capital; o fortalecimento da produção agroecológica; e nisso é necessário romper com a concentração da terra, da água e do poder; uma educação do campo fundada na emancipação dos sujeitos; e a perspectiva de construção de uma sociedade alicerçada em novas relações sociais.

sempre foi muito intensa, pois para a consolidação da Pedagogia da Alternância essa relação deve ser muito bem realizada.

A pedagogia da alternância estabelece uma relação entre o meio em que o estudante vive e a EFA, construindo uma diversidade de situações e valorizando a experiência dos povos do campo, trazendo seus saberes e inquietações para a escola. A Combinação entre escola, vida e trabalho permite ao educando o “*descobrimento da vida pela Reflexão*” (AREFASE, 2012, p. 11)

O estudante torna-se um sujeito ativo deste processo, numa dinâmica permitida pelos instrumentos metodológicos específicos.

Nesta dinâmica os educandos encontram um ambiente propício para sua aprendizagem, pois ele permanece no meio social de origem, mantendo os vínculos afetivos, culturais e sociais com a família e a comunidade, e por outro lado o afastamento do meio permite refletir sobre o mesmo, adquirindo novos conhecimentos para agir na vida comunitária. E mesmo que possa parecer aparentemente contraditório, o afastamento permite um certo estranhamento com a realidade na qual já se estava acostumado, e a desta forma se percebe a necessidade da desnaturalização daquilo que se apresentava como óbvio mas que passou a ser indagado, questionado e refletido. Percebe-se a realidade encontrada hoje é fruto de um processo, e como não é algo natural, pode ser transformada.

[...] ação esta que o jovem assume livre e consciente, numa atitude filosófica de desvendar a realidade como ser investigador, questionador e transformador de sua realidade, perfazendo o trinômio: AÇÃO – REFLEXÃO – AÇÃO. (p. 12)

Um dos instrumentos pedagógicos utilizado para promover esta tríade, é o Plano de Estudo, já apresentado anteriormente. Reforço que é o método de pesquisa que possibilita analisar os vários aspectos da realidade do aluno e promove uma relação autêntica entre a vida e a Escola. É através do plano de estudo que se viabiliza as potencialidades da alternância, tornando-se atos concretos de ponto de reflexão. O plano de estudo é o canal de entrada da cultura popular para a EFA e é o responsável de levar para a vida cotidiana as reflexões, as questões e as conclusões.

“a nova escola deve se abrir para a vida, incluindo sua articulação com outras formas sociais formativo-educativas tão importantes como a própria educação escolar” (CALDART, 2011, p. 152)

Dessa forma, a EFASE na sua dinâmica interage com a vida e articula processos formativos e organizacionais.

Pensando isso que essa pesquisa tem o objetivo de gerar uma reflexão como a Escola Família Agrícola do Sertão desenvolve o território das comunidades sertanejas do semiárido baiano. Nesse sentido, esta pesquisa se propõe a investigar a participação da Escola Família Agrícola do Sertão sobre o desenvolvimento das comunidades tradicionais de Fundo de Pasto, tendo foco duas localidades: Muquém e o Monte Alegre, ambas localizadas no município de Monte Santo – BA. Para tanto vai ser analisada a formação técnica e política realizada pela escola, a partir da atuação dos egressos, investigando as ações realizadas por estes estudantes visando a transformação no desenvolvimento de suas localidades e nas localidades em que atuam, considerando o processo de formação proporcionado pela EFASE.

Foram entrevistados dez estudantes egressos, que se tornaram interlocutores desta pesquisa. Cinco pertencem a comunidade tradicional de Fundo de Pasto de Muquém, e cinco da comunidade tradicional de Fundo de Pasto de Monte Alegre. A escolha do foco da pesquisa ser a análise dos discursos dos egressos do Muquém, foi pelo fato de ser a minha comunidade de pertencimento, enquanto a escolha da outra comunidade foi pelo fato de ser uma comunidade de Fundo de Pasto, ter um relativo números de egressos da EFASE e eu ter uma relação de proximidade com a maioria deles, estabelecida enquanto estudávamos na escola.

Quadro 1: Os egressos interlocutores do trabalho

Egressos Interlocutores de Muquém	Egressos Interlocutores de Monte Alegre
Arlete de Moura Andrade	Alana Alves Soares Santos
Catiana Lima Ribeiro	Carlos André Ribeiro dos Santos
Elias da Silva Souza	Eliane Barbosa dos Santos
Ludmila de Santana Souza	Josiane Alves Soares Santos
Rogério de Andrade Souza	Marcos Vinícius Cardoso Lima

Fonte: Nagila Andrade, 2019.

Os entrevistados de Muquém foram: Arlete de Moura Andrade, no momento em que tinha 25 anos. Ela estudou na EFASE entre os anos de 2003 e 2010. Hoje mora em Cruz das Almas, onde estuda Agronomia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Ela foi a primeira entrevistada, na tarde do dia 01 de março de 2017, o momento da entrevista aconteceu na casa dela.

Ludmila de Santana Souza, 23 anos, é minha prima, e também pertence à comunidade de Muquém. Estudou na EFASE entre os anos de 2004 e 2011, hoje mora em Caldeirão do Mulato, no município de Antônio Gonçalves. Já trabalhou como

monitora da EFAG (Escola família Agrícola de Antônio Gonçalves) é militante da PJR, apesar de agora estar afastada. Hoje trabalha como técnica agropecuária da CACTUS (Associação de Assistência Técnica e assessoria aos Trabalhadores Rurais e Movimentos Populares) na comunidade quilombola de Laje dos Negros, em Campo Formoso – BA.

Elias da Silva Souza, 23 anos, pertence a comunidade Muquém. Estudou na EFASE entre os anos 2010 e 2014, já trabalhou na ARESOL (Associação Regional dos Grupos Solidários de Geração de Renda), e hoje estuda no curso Tecnólogo em Agroecologia, um curso do PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) realizado numa parceria entre a UFRB e a EFASE, como anteriormente mencionado.

Catiana Lima Ribeiro, 28 anos, natural de Pintadas/BA e hoje pertencente a comunidade de Muquém. Estudou na EFASE entre os anos de 2005 e 2008. Já trabalhou no projeto Gente de Valor (CAR/Governo da Bahia), hoje atua como monitora do Ensino Fundamental da EFASE, e faz parte da diretoria da AAPPMR (Associação Agropastoril dos Pequenos Produtores de Muquém e Região), e está fazendo um curso de pedagogia no modelo de educação a distância (EAD) pela UFBA (Universidade Federal da Bahia).

Rogério de Andrade Souza, 39 anos, é meu tio, sendo da comunidade de Muquém e hoje mora na cidade de Monte Santo. Já trabalhou na AREFASE (Associação Regional da Escola Família Agrícola do Sertão), exerce a profissão de Técnico em Agropecuária na FATRES (Fundação de Apoio à Agricultura Familiar do Semiárido da Bahia), e tem uma relação social com o STTR (Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais) de Monte Santo.

Entrevistei também meu pai, Manoel de Andrade Souza, 49 anos, no dia 16 de dezembro de 2018 por ele ter participado do processo de fundação da EFASE, em que um de seus irmãos foi educando da primeira turma e outro da segunda, além de seus três filhos terem vivenciado a educação desta escola.

As entrevistas dos interlocutores da comunidade tradicional de Fundo de Pasto Monte Alegre aconteceram no dia 12 de maio de 2018, onde eu me desloquei de moto até a comunidade que fica a uma distância de aproximadamente 60 quilômetros de Muquém, Ao chegar lá fui primeiramente para a casa de Josiane e Alana, por já ter um contato mais próximo com elas, pois estudamos juntas na EFASE Em seguida Josiane foi comigo na casa dos outros estudantes egressos onde foram realizadas as entrevistas,

com Marcos Vinicius, Carlos André, Eliane e a Josiane. No dia 15 de março de 2018 realizei a entrevista com Alana, no seu local de trabalho, na ARESOL que fica na sede de Monte Santo.

Alana Alves Soares Santos, 23 anos, da comunidade de Monte Alegre, estudou na EFASE no período de 2007 a 2014. Hoje reside em Monte Santo, pois trabalha na ARESOL e já trabalhou na CACTUS.

Josiane Alves Soares Santos, 21 anos, da comunidade de Monte Alegre, estudou na EFASE entre os anos 2007 e 2014. Hoje reside na comunidade quilombola Lage dos Negros no município de Campo Formoso, local onde atua pela CACTUS. Já trabalhou na AREFASE pelo edital do Bahia ATER Fundo de Pasto, e no Mais Educação na escola da localidade de Morro Branco. A sua relação com os movimentos sociais se estabelece pela CAFFP (Central das Associações de Fundo e Fecho de Pasto) de Senhor do Bonfim e CACTUS.

Eliane Barbosa dos Santos, 24 anos, pertencente da comunidade de Monte Alegre, estudou na EFASE entre os anos de 2009 e 2013. Já atuou no Mais Educação na escola da localidade de Morro Branco e na AREFASE pelo edital do Bahia ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural) Fundo de Pasto. Hoje é Presidente da Associação de Monte Alegre e faz parte do grupo de mulheres da comunidade, que beneficiam frutos da caatinga.

Carlos André Ribeiro dos Santos, 28 anos, é da comunidade de Monte Alegre. Hoje reside em Sento Sé. Estudou na EFASE entre os anos de 2001 e 2010, já trabalhou no IRPAA (Instituto Regional da Pequena Agricultura Apropriada) e na FATRES. Hoje trabalha na CAFFP local na qual também exerce a militância.

E, Marcos Vinicius Cardoso Lima, 30 anos, residente na comunidade de Monte Alegre, estudou na EFASE entre os anos de 2002 e 2010, já trabalhou na Central de Fundo de Pasto – Pró Semiárido, hoje se considera-se agricultor, pois trabalha na roça, e sua relação com movimentos sociais se dá pela associação de Monte Alegre.

A minha proximidade com os estudantes egressos interlocutores desta pesquisa são laços de parentescos e de amizades construídos ao longo da trajetória na comunidade e na EFASE, desta forma isto contribuiu significativamente para os resultados obtidos, pois por já conhecer um pouco da realidade e já ter uma relação estabelecida, foi possível realizar as entrevistas de forma produtivas, com alguns a entrevista fluiu mais, principalmente aqueles que não se prenderam muito a apenas responder a pergunta, mas que foram provocando uma conversa e trazendo mais

elementos, discorrendo sobre suas experiências e trajetória de vida de forma detalhada, estas foram conversas que duraram entre trinta minutos à uma hora. Outros apesar de tímidos, e não se expressar muito, sendo sucintos e diretos nas questões levantadas também trouxeram elementos fundamentais para as reflexões realizadas neste trabalho, eles discorreram sobre suas experiências e percepções a cerca dos conhecimentos obtidos na EFASE, da pedagogia da alternância e as trajetórias enquanto estudante egresso.

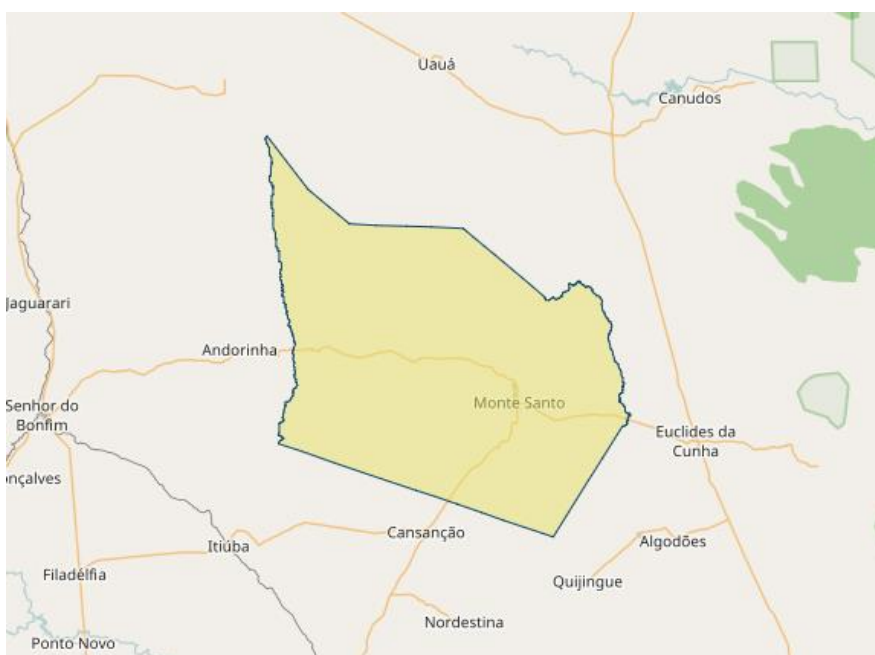
2. EFASE: CONSTRUINDO UMA NOVA ESCOLA

A Escola Família Agrícola do Sertão (EFASE) começa a ser formada em meados de 1995, a partir de um trabalho de mobilização comunitária fruto da percepção de alguns agentes sociais em que a escola poderia se tornar mais uma ferramenta para fortalecer o modo de vida das famílias e possibilitar uma formação mais contextualizada a realidade local.

O município de Monte Santo está localizado no sertão baiano, tem cerca de 280 anos de criação, e pode ser caracterizado como um município de população predominantemente rural¹⁴, visto que de acordo aos dados do (IBGE, 2010) estima-se que a população rural de Monte Santo equivale a 83,10%, enquanto a população urbana é de 16,89%. Aparece no mapa de conflitos ambientais da Fiocruz pela grande quantidade de conflitos, boa parte causados pela grilagem de terras. Essa grilagem se efetiva com duas ações principais: a adulteração e fabricação de documentos em cartórios e uso de violência para intimidar e expulsar as famílias que ocupam tradicionalmente as terras. Os agentes destes conflitos são recorrentemente famílias que pertencem a comunidades tradicionais de um lado e fazendeiros ou empresas que reivindicam a terra, sem definição clara dos limites da propriedade (FIOCRUZ, 2014)

¹⁴ Indico uma insuficiência teórica em explicar o que significa ser designado como município “predominantemente rural”. As classificações oficiais se baseiam em esquemas interpretativos na qual a dualidade marcaria a diferença entre pares de opostos. Neste caso o par Rural/Urbano não é suficiente para caracterizar a complexidade dos modos de vida que se apresentam em espaços assim definidos pelos critérios dos órgãos administrativos. O processo de territorialização marcado pela dinâmica de povos e comunidades tradicionais necessita de outros referenciais para ser melhor compreendido. (ALMEIDA, 2008b, p. 31-36) (2011, p. 56-59)

Figura 1: Mapa de Monte Santo – BA e seus confrontantes



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Figura 2: Mapa de Monte Santo identificando a EFASE construído pelos estudantes do 4ºano 2014 da EFASE, em uma oficina do PIBID.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

A questão fundiária é um problema em Monte Santo. A concentração de terra no município é enorme, tal como percebe-se ao acompanhar a evolução do índice de Gini¹⁵, de 1920 a 2006, conforme a tabela 1.¹⁶

Tabela 1: Evolução do índice de Gini, Monte Santo - BA (1920 - 2006).

Ano	Índice
1920	0,965
1940	0,67
1950	0,73
1960	0,648
1970	0,781
1975	0,719
1980	0,744
1985	0,747
1996	0,744
2006	0,719

Fonte: projeto GeofrafAR, 2018.

A tabela acima ajuda a perceber o tamanho da desigualdade que predomina no município em termos agrários, na qual o acesso à terra por parte dos camponeses ainda é precário, como podemos observar a estrutura fundiária na tabela 2.

Tabela 2: Estrutura Fundiária Monte Santo - BA, 2006.

Grupo de Área	Estabelecimento (Qt.)	Área (ha)	Estabelecimento (%)	Área (%)
Mais de 0 a menos de 0,5 há	141	52	1,65	0,04
De 0,5 a menos de 1 há	517	405	6,07	0,29
De 1 a menos de 2 há	965	1.315	11,33	0,95
De 2 a menos de 3 há	950	2.114	11,16	1,53
De 3 a menos de 4 há	633	2.050	7,43	1,48
De 4 a menos de 5 há	682	2.918	8,01	2,11
De 5 a menos de 10 há	1.620	11.082	19,02	8,01
De 10 a menos de 20 há	1228	16.354	14,42	11,82
De 20 a menos de 50 há	1.056	31.711	12,40	22,91
De 50 a menos de 100 há	262	17.450	3,08	12,61
De 100 a menos de 200 há	106	13.663	1,24	9,87
De 200 a menos de 500 há	67	20.785	0,79	15,02
De 500 a menos de 1000 há	18	12.285	0,21	8,88
De 1000 a menos de 2500 há	5	6.225	0,06	4,50
De 2500 ha e mais	-	-	0,00	0,00
Produtor sem área	266	0	3,122	0,00
Total	8.516	138.410	100,00	100,00

Fonte Primária: IBGE. Censo Agropecuário 2006, Bahia www.ibge.gov.br.

Adaptado do projeto GeofrafAR, (PROJETO GEOGRAFAR, 2018)

¹⁵ O índice de Gini “é um indicador de desigualdade muito utilizado para verificar o grau de concentração de terra e da renda”. Sua leitura varia no intervalo de 0 a 1, significando quanto mais próximo de 1, maior é a desigualdade na distribuição, e, quanto mais próximo de zero, menor é a desigualdade. (DIEESE, 2011)

¹⁶ Não será objeto de reflexão a variação deste índice e nem os critérios que são utilizados para indicar a concentração das terras. Observo com interesse a necessidade de buscar as causas da grande variação entre o ano de 1920 e 1940 de quase 0,3 pontos. Também careceria melhor aprofundamento o aumento do índice, a partir de 1960, se estabilizando em torno de 0,74 por alguns anos, mesmo com os programas de regularização fundiária executados pelo governo do estado da Bahia.

Os dados do IBGE apresentados acima apresentam dados referentes a apenas 138.410 ha dos 318.600ha da área total do município de Monte Santo. Por estes dados podemos perceber que a questão agrária do município de Monte Santo está marcada por uma pequena quantidade de estabelecimentos¹⁷ que possuem mais de 500 ha e menos de 2500 ha. São 23 estabelecimentos que representam 0,27 do total de estabelecimentos do município, mas que ocupam 13,38% de toda área ocupada por estabelecimentos. Essa área corresponde a 5,80% da área total de Monte Santo. Já os estabelecimentos que estão entre 100 a 500 ha são em número de 168, que correspondem a 1,98% dos estabelecimentos e ocupam uma área de 34.448ha. Essa área corresponde a 24,88% das áreas ocupadas pelos estabelecimentos e a 10,81% do território de Monte Santo. Por fim temos 6.736 estabelecimentos menores que 20 ha, que correspondem a 79,09% dos estabelecimentos, ocupando uma área de 36.290 ha. Essa área corresponde a apenas 26,21% das áreas ocupadas pelos estabelecimentos e a 11,39% de toda área de Monte Santo. Mesmo que esta tabela não abarque 54% da área de Monte Santo, podemos perceber a grande desigualdade que existe no tocante a ocupação fundiária, que tem implicações significativas ao acesso a terra e aos recursos naturais nela existentes. Mesmo com toda essa desigualdade na distribuição da terra, o grande número de estabelecimentos que se referem a agricultura familiar camponesa, às comunidades tradicionais, nos apresenta um quadro na qual esta categoria é uma das principais referências do município.

A situação agrária se relaciona ativamente com as questões sociais e ambientais, tais como a baixa renda dos agricultores, a concentração de riquezas, conflitos de terras, extensas áreas desmatadas para o plantio de capim. O modo de vida de comunidades de fundo de pasto permeia então uma gama de questões, que envolvem a relação de poder estabelecida na sociedade, incluindo o acesso e construção de conhecimentos. O esquecimento por parte das elites agrárias e urbanas e, sobretudo, do poder Estatal,

¹⁷ Novamente quero apontar a deficiência das categorias censitárias em conseguir dar conta de classificar um amplo conjunto de uso das terras, especialmente aquelas de uso comum, que compreendem um variado número de “situações de apropriação de recursos naturais utilizando-os segundo uma diversidade de formas e com inúmeras combinações diferenciadas entre uso e propriedade, entre caráter privado e comum, perpassadas por fatores étnicos, de parentesco e sucessão, por fatores históricos, por elementos identitários peculiares e por critérios político organizativos e econômicos, consoante práticas de representações próprias”. (ALMEIDA, 2011, p. 57-58) Para maior aprofundamento desta questão indico para leitura o texto “Os limites das categorias Cadastrais e Censitárias” do livro “Terra de Quilombo, terras Indígenas, Babaçuais Livres, Faxinais e Fundos de Pasto: Terras Tradicionalmente Ocupadas” do professor Alfredo Wagner Berno de Almeida. (2008, p. 69-79)

com relação aos modos de vida que não se encaixam na matriz da colonialidade¹⁸ implicam numa pressão ao reconhecimento de distintos modos de vida. A própria natureza, muitas vezes se apresenta como impiedosa, representa simbolicamente para o sertanejo o sofrimento e a sua própria força. Lembrando a descrição de Euclides da Cunha, “o sertanejo é antes de tudo um forte” (CUNHA, 2011, p. 118).¹⁹

A EFASE foi criada com o intuito de proporcionar uma formação geral aos jovens desta região, basicamente voltada aos aspectos políticos, econômicos, ambientais, sociais e culturais. Pretendendo evidenciar que são agentes das suas ações, reforça o caráter de mobilização, organização e participação comunitária atrelado ao fortalecimento do modo de vida, fortalecimento da agricultura familiar. As técnicas agrícolas partilhadas e desenvolvidas tem por orientação a busca de uma melhor convivência com o semiárido. Para os educandos da EFASE o arranjo comunitário, que acolhe os estudantes durante um dos tempos formativos, é de reconhecida importância para efetivação desta orientação.

Lidar com conflitos fundiários está na base da criação da EFASE. Sua sede foi construída em 1998 em uma terra doada pela Comunidade de Fundo de Pasto da Lagoa do Pimentel. Essa comunidade sofreu com problemas fundiários locais.²⁰ Faz parte da

¹⁸ Aqui me inspiro nas reflexões de Frantz Fanon sobre a necessidade de dismantlar o mundo colonial, um mundo maniqueísta que percebe os povos tradicionais como sem valor, sem ética, sem capacidade, como resquícios do passado. Cabe para este trabalho atenção no que se refere ao papel da educação para legitimar a colonização através de um arcabouço interpretativo do mundo na qual a perspectiva dominante favorece os interesses coloniais. Os povos colonizados devem estar atentos para não cair na armadilha epistemológica que justificaria as classificações de mundo que reforçam a dominação. “A burguesia colonialista, quando registra a impossibilidade para ela manter sua dominação sobre os países coloniais, decide fazer um combate de retaguarda no terreno da cultura, dos valores, das técnicas”. (FANON, 2005, p. 61)

¹⁹ Esta citação merece uma observação. Na época de Euclides da Cunha havia uma teoria que enfatizava que o “homem”, no sentido de ser humano, seria determinado por seu meio. Mesmo que esta interpretação não seja mais dominante, ela ainda se apresenta no senso comum. Enfatizo que minha referência a natureza não é de determinação, mas de relação. O ser humano possui agência para definir seu destino. Suas escolhas são formadas a partir das relações que estabelece, incluindo a natureza como parte destas relações.

²⁰ As terras existentes nas redondezas do povoado pertenceram inicialmente a Ezequiel de Santa Luzia, ou hoje conhecida como Santaluz. Depois passaram a ser do Padre Berenguer, residente do município de Monte Santo. Logo depois Joaquim Matias, morador de Euclides da Cunha, afamado como grileiro, comprou as terras e as registrou aumentando a sua área de 1.200 hectares para 14.400 hectares, que era pertencente à fazenda Pedra D’água. Logo, Marcelo Guimaraes comprou a área e cercou. As famílias se indignaram com a situação e resolveram se organizar para acabar com a cerca, já que aquele local era a fonte de renda e alimentação para todos eles. Eles fizeram o ato de derrubar a cerca e consequentemente foram intimados por Marcelo Guimarães na justiça, mas ele não conseguiu avançar no campo jurídico, pois não apresentou provas de sua propriedade. As famílias conseguiram ficar na terra. Mais tarde Laurentino da Silva quis tomar uma parte do fundo de pasto. Ele quis assim como Marcelo Guimarães cercar a área de uso comum e até fixou os mourões no terreno. Aproximadamente 80 famílias se organizaram para cortar os mourões, mas no momento da ação apenas 15 pessoas compareceram. O fazendeiro dizia que tinha comprado o terreno de outro fazendeiro, mas a comunidade não aceitava a

pedagogia da escola rememorar o sentido de sua fundação: ser uma ferramenta para apoiar enfrentamento dos conflitos das comunidades e mostrar aos jovens a potencialidade de se viver nesta região. Momentos de mística são realizados embaixo do umbuzeiro localizado no terreiro da escola (figura 03). A mística, como já explicitada, é um recurso que busca fortalecer o pertencimento dos estudantes a escola, ajudando a destacar o sentido de uma educação contextualizada à realidade.

Figura 3: Umbuzeiro, símbolo de resistência e mística da EFASE.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

“A seca não é problema, isso ouvi de um viajante, é a cerca e o sistema que fazem os retirantes” (Terra Prometida, Miroval Marques). Esta é uma frase inscrita em uma das canções que fazem parte do repertório de cânticos dos estudantes e monitores da EFASE. Mas esta não é apenas uma música aleatória, pois representa a realidade da

imposição deles. O Senhor Nininho, líder comunitário, foi atrás do secretário de reforma agrária e levou o caso de Marcelo Guimaraes para ser abordado no jornal da tarde em Salvador. A partir da ação dos agricultores, outro fazendeiro Salvador Azeredo Pinto contratou nove pistoleiros para ocupar a área, um tratorista e os outros oito com armas de fogo. Os jagunços ficaram acampados na área. Foi nesse período que iniciou de forma severa o conflito. Os agricultores iam de mão limpa e ficavam deitados, e recebiam chuvas de balas dos jagunços. Houve duas mortes, ambas do lado dos jagunços, o tratorista e outro pistoleiro da confiança do fazendeiro, visto que eles acertavam as balas nos próprios parceiros. O dia considerado como de fogo foi 18 de agosto de 1991. Eles desistiram da terra, ainda assim levou o caso para a justiça. Ranulfo, parente de Laurentino Silva, foi o advogado contratado para levar a causa, sempre afirmando que os agricultores que tinham assassinado os jagunços. Mas a juíza assinou a liminar pelo lado da associação uma vez que ficou evidente a grilagem da terra e que a mesma era ocupada tradicionalmente. Ainda assim seis trabalhadores precisaram se esconder da justiça, pois eram incriminados no processo. Por fim as famílias conseguiram ter a terra e permanecerem nela até os dias atuais. A área total da região compreende sete fazendas: Carafba, Fonseca, Mulungu, Pedra do Pepedo, Lagoa do Pimentel, Lagoa do Mandacaru e Lage da Égua.

vida sertaneja, e a necessidade de se aprender a conviver no clima semiárido, ressaltando a bravura e a cultura do nordestino.

A discriminação com a região semiárida vem de longa data. Uma das ênfases dadas para descrever a região se relaciona com os baixos índices pluviométricos, as temperaturas médias elevadas, os déficits hídricos acentuados, a vegetação hiperxerófila (caatinga), a ocorrência periódica de longas estiagens. Estas características, junto com a desigual distribuição de terras e políticas inadequadas, induziram a moradores da região semiárida a se deslocarem para grandes centros urbanos em busca de alternativas de vida. Por muito tempo a pobreza foi atrelada aos efeitos da estiagem e ações voltadas ao combate à seca foram a base de políticas públicas que pouco amenizava os efeitos dos longos períodos de estiagem, dando oportunidade assim para o surgimento da *Indústria da Seca*²¹. Porém organizações de famílias camponesas perceberam que era necessário reconhecer que se o clima se caracteriza por períodos de grande estiagem dever-se-ia buscar formas de se preparar para conviver com ele. Passou-se a desenvolver técnicas agrícolas e manejo sanitário, alimentar e reprodutivo dos animais mais adequados ao clima.

Há o reconhecimento de que não se pode nem se deve negar as características ecológicas, climáticas e culturais locais e nem delas fugir. Ou seja, a seca é uma questão ecológica, embora as suas consequências estejam relacionadas aos fatores socioeconômicos que predominam na região. Compreende-se que é possível desenvolver conhecimentos e soluções tecnológicas a partir de objetivos e valores que atendam às verdadeiras e legítimas aspirações da humanidade (SILVA, 2010., p. 155)

“... então a escola ela dá essa oportunidade de você ter o conhecimento além da escola ter conhecimento de outras realidades, outros municípios, outras entidades pelo fato de eu ter conhecido IRPAA foi por causa da escola, e o IRPAA tem um trabalho parecido com o da escola... trabalha muito essa questão da convivência com o semiárido então assim a escola ela proporciona isso esse conhecimento como é o semiárido e você tem um trabalho e não precisasse sair para outras localidades, você tem um conhecimento de como é a realidade.

(Carlos André Ribeiro dos Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

A EFASE, por estar localizada no semiárido e estabelecer uma relação intensa com a realidade das comunidades rurais, se propõe a trabalhar disciplinas e atividades

²¹ Trata-se de uma prática política na qual os grupos políticos se aproveitam das secas periódicas que ocorrem na região Nordeste e que causam calamidade para se apropriarem de recursos públicos com o pretexto de amenizar os efeitos da seca. Estes recursos foram utilizados em infraestruturas que potencializavam os interesses destes mesmos políticos ou eram usados para um trabalho de assistência emergencial como o fornecimento de águas em carros pipa ou o pagamento de serviços como manutenção de estradas de terra. Não havia uma concepção de preparar as famílias camponesas para armazenar água, alimento e forragem como prevenção das épocas de grande estiagem. Essas práticas reforçavam o poder estabelecido, fortalecendo a grilagem e a concentração de terras. (SILVA, FREITAS e XAVIER, 2012, p. 17)

baseadas no princípio de convivência com o semiárido. A proposta de aprender a conviver com o semiárido pressupõe o sentido das coisas a partir da vida cotidiana. Opera na dimensão comunitária, através da atuação no nível localizado, onde é possível desenvolver novas perspectivas para a reapropriação subjetiva da realidade e abrir um diálogo entre o conhecimento e os saberes tradicionais (MATTOS, 2004)

Quando o jovem tem interesse de estudar na EFASE, ele deve procurar uma organização social para indicá-lo. Essa organização social, assim como a família, tem que acompanhar o desempenho do estudante na escola e contribuir na sua formação. Algumas organizações, como as associações comunitárias, indicam os estudantes para ingressarem na escola por saberem da educação diferenciada e contextualizada que esta proporciona. Este jovem, se ainda não participa da vida social da comunidade, passa a vivenciar e perceber o espaço em que vive. Se o jovem já participa da vida comunitária, vai encontrar formas de melhor contribuir na sua organização.

Nesta relação com o semiárido, a escola, além de partir das práticas das comunidades camponesas que já vivem há séculos no semiárido, nesta região de Monte Santo, vem dialogando e em processo de construção permanente de novas práticas adaptadas à região e às necessidades das comunidades, entendendo que este processo (respeito às práticas historicamente construídas, troca de saberes e construção de novos saberes) é dialético e que se constrói também na dinâmica escola - comunidade. (SILVA, 2012, p. 34)

Estudar na EFASE implica numa relação familiar e comunitária que perceba a necessidade de um ensino diferenciado. A família tem uma relação permanente com a escola, contribuindo no processo de sua construção e desenvolvimento pedagógico.

“... conheço a EFASE ... desde muito criança enquanto a comunidade e a família já participavam dos trabalhos de base, desde os primeiros mutirões, encontros, pra construção da escola, todas as discussões reuniões pro trabalho de base e formação da EFA...”
(Ludmila de Santana Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

Ludmila conhecia a escola desde criança, por causa da relação de sua família no processo de construção da EFASE. Além da família, a relação da comunidade com escola também estimula muito neste processo.

“... não foi só uma decisão minha, mas também da minha família e da comunidade assim vendo como seria o estudo seria a melhor opção para estudar”.
(Carlos André Ribeiro dos Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

“... as influências principais além das pessoas que já estudava lá que indicaram que era um excelente lugar para se estudar e também a partir da educação que era diferenciada diferente das que a gente tinha por aqui...”
(Josiane Alves Soares Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

“Meus irmãos já estudavam lá, Paulo Ricardo e João Paulo, e pelos trabalhos que já faziam aqui na comunidade que eram as atividades de

retorno... eu ia vendo o trabalho deles e me despertou a vontade de conhecer a escola e quando eu fui gostei do trabalho da escola, da formação da escola e fiquei, permaneci até terminar os estudos lá”.
(Marcos Vinicius Cardoso Lima, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

Outro exemplo é o de Catiana. Morava em outra região, mas escolheu estudar na EFASE por já ter estudado em uma Escola Família Agrícola, a EFA de Pintadas, que só oferecia o Ensino Fundamental. Outras pessoas da região de Pintadas já estudavam na EFASE estimulando um fluxo de estudantes, apesar da distância de mais de 200 km entre as cidades.

“A escolha para eu estudar na Escola Agrícola, foi pelo fato de que eu já estudava o ensino fundamental na escola família agrícola lá em Pintadas, e aí como já alguns colegas meus que vieram estudar aí, também por que lá só tem até o fundamental e minha vontade era continuar os estudos numa escola família agrícola, por isso decidi vim estudar aqui na escola família agrícola do sertão. ”
(Catiana Lima Ribeiro, entrevista concedida no dia 10/04/2017).

A necessidade de uma educação diferenciada é percebida entre as famílias. Uma escola que respeite a cultura do homem e da mulher do campo, ensinando técnicas de convivência com o semiárido, criando possibilidades alternativas ao deslocamento dos jovens para os grandes centros urbanos, visibilizando oportunidades de uma vida digna no semiárido.

“Comecei a estudar na EFASE a partir da necessidade de experiência de convivência com o semiárido e viver no campo sem precisar migrar nas grandes cidades”.
(Rogério de Andrade Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

“... na verdade não foi uma escolha foi uma questão de necessidade no momento, no período a gente tava em outra cidade aí depois a gente teve que sair, aí uma alternativa foi à escola que foi através da minha irmã que já estudava lá que ela colocou, e aí a gente começou a estudar”.
(Alana Alves Soares Santos, entrevista concedida no dia 15/05/2018).

A falta de políticas públicas e oportunidades para os jovens do campo é frequentemente apontada como responsável pela saída para as grandes cidades, em especial em busca de emprego que garanta uma renda para o jovem e a família. Porém minha vivência e minha atuação na Pastoral da Juventude Rural (PJR) indica que muitos jovens gostariam de continuar a viver no campo. A imagem frequentemente vinculada às cidades, as promessas de uma vida de facilidades induzem os deslocamentos. A cultura urbanocêntrica influencia educação propagada pela maioria das escolas públicas da região também apresenta a cidade como local de maior possibilidade de viver melhor.

Existem jovens que fazem a opção de maior participação e valorizam a vida camponesa, mas as condições de se viver no campo atualmente, as dificuldades vivenciadas pelas famílias fazem com que muitos jovens tenham que sair e não continuem a tradição da agricultura familiar...

A falta de políticas públicas do/no campo, sobretudo para os jovens, “a falta de oportunidades, perspectivas e caminhos alternativos limitam” o encaminhamento da juventude camponesa. Os aspectos que explicam a saída de tantos jovens para a cidade e a recusa de permanecerem no campo apontam, sobretudo, para as carências da realidade local, e de modo especial à “falta de alternativas profissionais que possam garantir oportunidades de emprego e renda na agricultura familiar ou fora dela”. (FREITAS e SANTOS, 2015, p. 171)

Desta forma, a EFASE se apresenta como uma oportunidade de acesso à educação e também como uma possibilidade de continuar a viver no campo, potencializando as atividades produtivas da própria família e comunidade, ou capacitando os estudantes para realizarem assessorias técnicas para comunidades camponesas.

Elias antes de entrar na escola tinha a perspectiva em ir para São Paulo para buscar um emprego que garantisse uma renda para sua manutenção, como fez a maioria de seus irmãos. Porém um dos seus irmãos, Elizeu, que tinha a vontade de continuar a vivenciar a vida campesina, convidou Elias para irem juntos estudar na EFASE.

“O que me levou estudar na escola foi através de meu irmão Elizeu, eu não tinha vontade de estudar na escola por que o grande foco que eu tinha quando era mais jovem, era fazer o êxodo rural que é bem conhecido pela população, e aí eu tinha em mente de terminar o ensino médio, se caso desse para terminar e depois partir para São Paulo, grande metrópoles atrás de emprego pra poder ter a subsistência da vida, poder conseguir alguma coisa que é sempre o que o jovem tem em mente, pregado pela grande mídia, a questão do êxodo rural vai proporcionar alguma coisa, só que não, acho que o que vai proporcionar o futuro do indivíduo no âmbito social, profissional é através dos estudo”.

(Elias da Silva Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

“... trazer a permanência do aluno no campo e como uma troca de experiências escola - família – comunidade, então isso acho que ajuda muito na questão da permanência, da minha permanência no campo como hoje sou formada em técnica em agropecuária, então continuo tentando exercer esse papel, minha profissão não muito em campo, mas em sala de aula trabalhando com as disciplinas de agricultura e zootecnia com os alunos do fundamental anos finais do sexto ao nono ano e procuro tá repassando esse conhecimento para os alunos”.

(Catiana Lima Ribeiro, entrevista concedida no dia 10/04/2017).

Alguns conhecimentos são mais valorizados do que os outros, principalmente nas escolas, onde geralmente se enfatiza um tipo de conhecimento científico, que se relaciona superficialmente com o contexto sociopolítico, econômico, cultural, ecológico local. Os conhecimentos tradicionais, populares são basicamente ignorados. No entanto todos os tipos de conhecimento são fundamentais e contribuem na construção do

conhecimento do educando quando conseguem dar sentido no compreender a vida, a realidade vivenciada. *O que diferencia o conhecimento popular do conhecimento científico é a forma, o modo ou o método e os instrumentos do “conhecer”* (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 58)

Pode-se dizer que o conhecimento vulgar ou popular, *latu sensu*, é o modo comum, corrente e espontâneo de conhecer, que se adquire no trato direto com as coisas e os seres humanos: “é o saber que preenche nossa vida diária e que se possui sem o haver procurado ou estudado, sem a aplicação de um método e sem se haver refletido sobre algo”. (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 59)

Desta forma, concordo com as autoras quando dizem que o conhecimento popular está relacionado com a vivência cotidiana das pessoas, a relação direta com as coisas e os seres, sem a necessidade da aplicação de algum método específico. No entanto, discordo da forma que elas tratam o conhecimento tradicional ou popular quando chama de vulgar, ou mesmo quando dizem que ele é espontâneo. Há hoje um grande embate que envolve o reconhecimento de conhecimentos tradicionais que compreendem experiências concretas de cooperação envolvendo manejo, processamento e transformações de recursos naturais. Estas experiências são muitas vezes consideradas pejorativamente como artesanais, pré-industriais ou limitadas, buscando desconsiderar todo o conhecimento produzido detidamente por uma infinidade de agentes sociais. (ALMEIDA, SHIRAISHI NETO, *et al.*, 2010, p. 12-13) Podemos dizer que há uma diversidade de experimentar, de construir, de produzir e reproduzir conhecimentos.

Abre-se, de maneira mais formal, um novo capítulo de antagonismos e conflitos socioambientais em que conhecimentos indígenas e das chamadas “populações tradicionais” começam a se constituir num saber prático em contraponto àquele controlado pelos grandes laboratórios de biotecnologia, pelas empresas farmacêuticas e demais grupos econômicos que detêm o monopólio das patentes, das marcas e dos direitos intelectuais sobre processos de transformação e processamento dos recursos naturais. (ALMEIDA, SHIRAISHI NETO, *et al.*, 2010, p. 14)

Nas EFAS o conhecimento popular é reconhecido como importante, pois o acesso a uma escola não é o único caminho para adquirir saberes. Valorizam-se os conhecimentos adquiridos na vivência da vida diária, através da percepção no trato direto com as coisas e seres vivos. Assim as pedagogias que inspiram a ação da EFASE estimulam a troca de saberes, a relação de conhecimentos acadêmicos e tradicionais, estimulando um olhar atento ao cotidiano, buscando a conexão entre conhecimentos e o contexto social dos educandos.

“... EFA e todo o período neste tempo, esse processo ele serviu para conhecer um pouco do conhecimento acadêmico, mas principalmente o conhecimento popular, isso graças a pedagogia da alternância, por que a pedagogia da alternância ela nos permite a conhecer além da sala de aula, além de quatro paredes na sala, conhecer o social, mas principalmente o eu, não só o meu eu, mas também conhecer o histórico da família, da comunidade, conhecer de fato a origem de onde eu venho, a origem da família de toda luta da comunidade, desde o processo simples que se dá a pedagogia da alternância que é o estudo, o conteúdo de sala de aula, pesquisas, dúvidas, curiosidades, enfim conhecimentos a ser buscados, e a partir da permanência na comunidade a gente ia buscar tirar estas dúvidas, buscar estes conhecimentos, então é o poder (...), o conhecimento popular que nos contribuía, aí essa pedagogia da alternância ela contribuiu para isso, para conhecermos e para valorizar o conhecimento popular, os agricultores os nossos pais, os nossos avós os nossos antepassados que são verdadeiros, pesquisadores, verdadeiros filósofos donos do conhecimento.”
(Ludmila de Santana Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

“[...] então neste processo você acaba se familiarizando com o pessoal que você não tem muita intimidade, e envolvendo mais com a comunidade, por que as vezes você está na comunidade, mas está alheio a tudo que se passa ali, então no processo organizacional mesmo eu acho que é uma das maiores contribuições, por que você tem que tá no meio, você é obrigado a tá ali participando, contribuindo, aprendendo e ensinando”.
(Arlete de Moura Andrade, entrevista concedida no dia 01/03/2017).

“A formação de alternância como a escola trabalha é importante por que além da gente desenvolver a parte teórica dentro da sala a gente também desenvolve a parte prática na comunidade com os agricultores, é uma forma de fazer a troca de conhecimentos com o agricultor e também além da gente passar os conteúdos teóricas que a gente absorver na sala de aula, a gente também passa a absorver os conhecimentos dos agricultores por que é de suma importância, o conhecimento empírico é o que forma o conhecimento científico, sem o conhecimento empírico não teria como formar o científico, então eu vejo que a forma de trabalhar com a alternância é importante, por que o aluno ficar preso só a sala de aula, que a gente ver que na, não menosprezando o ensino das outras instituições, mas a forma das outras instituições no meu ponto de vista, o aluno fica preso a sala de aula, e isso vira uma certa monotonia as atividades, então já com a forma de alternância o aluno passa a desenvolver tanto na sala, quanto no campo e vivencia também a realidade do campo, não estuda somente voltado a outros biomas, estuda também o bioma que ele mora, a realidade que ele convive para ele conhecer direito as coisas que ele tá vivendo no cotidiano”.
(Elias da Silva Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

Através da Pedagogia da Alternância os educandos valorizam o diálogo de saberes, na qual o conhecimento popular, tradicional tem um espaço privilegiado. A alternância vivenciada na EFASE reorienta o contato dos estudantes com as pessoas da comunidade, que passam a pesquisar e conhecer mais profundamente sua história, a história da comunidade, a cultura local e passam também a participar efetivamente da organização social. A alternância não é um simples ir e vir, mas induz a construção de um comprometimento entre as pessoas, principalmente a troca de experiências, buscando que conhecimentos acadêmicos e tradicionais sejam compartilhados e que

contribuam diretamente na formação dos estudantes, servindo para fortalecer a sua futura atuação profissional e atendendo as necessidades dos agricultores.

“... Os conhecimentos obtidos durante a permanência da EFASE contribuem na medida que trabalho com os agricultores, auxiliando os agricultores com novas experiências de melhoramento genético dos animais, melhoramento do rebanho, na parte da agricultura com novas tecnologias para obter uma melhor produção e conscientização com os agricultores com o meio ambiente, com relação a projetos para estruturar a propriedade dos agricultores e melhorar a renda das famílias”.
(Rogério de Andrade Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

(...) buscar o conhecimento, buscar também futuramente conhecimento para ajudar os agricultores, seja a nossa família ou por onde a gente estiver, é junto da pedagogia da alternância na EFA reunir conhecimentos e ir em busca de conhecimentos para futuramente, assim já como um técnico, ta compartilhando estes conhecimentos, a gente não se forma, não conclui para dar conhecimento, a gente compartilha, por que se saímos da EFA como um técnico, um jovem formado, ele não tá cem por cento capacitado, o jovem que sai formado da EFA ela tá preparado, ele ta capacitado pra poder se relacionar com o social, a gente nunca deixa de buscar, de adquirir conhecimento, a gente sai preparado pra o mundo, pra o social, desde o momento que você conversa com o agricultor, que você conversa, dialoga seja em uma reunião, na propriedade? então a todo momento você ta compartilhando conhecimentos.”
(Ludmila de Santana Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

Ludmila destaca que a EFA prepara os estudantes a aprender, a dialogar constantemente na busca por gerar novos conhecimentos que possibilitem enfrentar os desafios cotidianos da comunidade. Busca-se não formatar o estudante, mas cria-se uma forma de se relacionar com os conhecimentos e como transmiti-los, transforma-los. . Arrisco a afirmar que estamos diante de um novo pensamento de escola, isto é, uma tentativa de construir um sistema de ensino com características específicas. Busca articular formas de construção de conhecimentos com um corpo comum de categorias de pensamento, na qual define, em outras perspectivas, quais são os problemas comuns a serem debatidos. Uma escola que incita a quebrar com algumas hegemonias classificatórias permitindo que conhecimentos sejam organizados para atender demandas sociais específicas. (BOURDIEU, 2007, p. 203-229) Seria assim uma escola atenta ao contexto social e posicionada no fortalecimento de modos de vida.

A pedagogia da alternância, na forma que é vivenciada na EFASE através das disciplinas e seus instrumentos pedagógicos, possibilita o diálogo entre a realidade do estudante, o meio em que vive, e a escola, assim proporciona a construção do conhecimento com coerência e articulação entre a prática, teoria e prática.

O tipo de conhecimento que o jovem obtém de uma escola família, como já discutimos, é voltado para a realidade de trabalho do campo, com autonomia,

com espírito de participação, imbuídos do desejo de colaborar como “desenvolvimento do meio”. (CAVALCANTE, 2007, p. 201)

A experiência em educação da EFASE se baseia em alguns pilares. Destaco três: postura, conduta e compromisso com a classe trabalhadora.

A educação é entendida como um ato político pelo qual professores e alunos buscam ampliar seu grau de consciência crítica do mundo, inserindo-se no processo histórico que visa a construção de uma sociedade aberta, livre e justa, autenticamente democrática. (COTRIN, 1989, p. 294)

Outro destaque importante é como a escola utiliza o trabalho como princípio pedagógico.

[...] o trabalho tem valor fundamental, pois é através do trabalho que o ser humano transforma a natureza e se transforma, na produção e na reprodução de suas condições de existência, se identificando como classe, e é através dele que vamos gerar novas relações e novas consciências, tanto individuais como coletivas. (AREFASE, 2012, p. 9)

Desta forma a articulação entre educação e o trabalho, tendo este como princípio educativo, é possível desenvolver diversas dimensões do sujeito, no qual o trabalho provoca novas aprendizagens, com a prática-teoria-prática, dando dimensão da realidade e produzindo conhecimento sobre ela.

[...] O trabalho é um elemento integrante da relação da escola com a realidade atual, e neste nível há fusão completa entre ensino e educação. Não se trata de estabelecer uma relação mecânica entre o trabalho e a ciência, mas torná-los duas partes orgânicas da vida escolar, isto é, da vida social das crianças.” (PISTRAK, 1981, p. 46)

No cotidiano escolar o trabalho, é um instrumento utilizado na formação dos educandos, no qual se propõe a contribuir na auto-organização do coletivo e desenvolver as diversas dimensões do ser. De forma concreta, em primeiro plano, existe as atividades domésticas, ligadas ao trato do corpo, dos dentes, das roupas, da cama, dos cadernos, que é uma atividade individual, e necessária para o bem-estar do indivíduo e do coletivo, e assim se torna um hábito diário dos estudantes.

“A formação dos hábitos assim definidos deve estar intimamente ligada à cultura física; cada norma deve ser explicada a criança e compreendida por ela como uma norma necessária à salva-guarda social da saúde.” (p. 49)

Para o autor, este tipo de trabalho deve ser utilizado na escola, considerando o ponto de vista social, com uma finalidade objetiva e que não cause nas crianças repugnância ao trabalho.

Destaco também o trabalho coletivo, onde os estudantes desenvolvem as tarefas diárias, que é a limpeza dos espaços da escola (salas, refeitório, banheiros, copa, terreiros, cozinha, servir as refeições, etc.) e as práticas, que são a limpeza e

manutenção dos setores agropecuários (pocilga, aprisco, aviário, horta, viveiro, fruticultura, etc.), estas tarefas são realizadas em grupo, cada estudante é responsável para a realização de uma tarefa durante a sessão, a realização destas tarefas de forma correta e responsável é de fundamental importância para o funcionamento da escola.

O costume de viver coletivamente pode e deve ser formado entre as crianças tendo como base as tarefas domésticas coletivas, desenvolvendo-se entre elas o sentimento e a compreensão da necessidade e da utilidade sociais destas tarefas: é preciso que as crianças percebam o grande papel social desempenhado por todos estes pequenos hábitos na transformação do conjunto de nossa vida. (p. 50)

Assim a vivência com o trabalho coletivo amadurece a compreensão que necessidades coletivas estão acima de vontades individuais, contribuindo para uma futura militância, onde pensar o coletivo é mais importante.

Desta forma, a vivência em coletivo demanda também de auto-organização, e estes processos têm como objetivo:

[...] proporcionar espaços e tempos de organização e cooperação, tanto para o estudo como para o trabalho, desenvolvendo o espírito de iniciativa, o trabalho em grupos, a capacidade de lidar com os problemas de forma coletiva e solidária, de criar novas formas de organização. Devem permitir também que os educandos ocupem diferentes tarefas e posições na sua estrutura organizativa, isso como forma de qualificação, como também em termos de diferentes níveis de responsabilidade no comando e na execução das tarefas. (AREFASE, 2012, p. 10)

Em terceiro plano estão os trabalhos realizados no tempo comunidade, proporcionado pelos processos metodológicos da Pedagogia da Alternância, em que o estudante se torna um sujeito ativo deste processo, numa dinâmica permitida pelos instrumentos metodológicos específicos.

Capta as indagações e problematizações provindas das realidades de suas vidas familiar e comunitária e as leva a EFA, colocando em comum, comparando com as dos demais colegas, analisando, interpretando e generalizando. Dessa forma, considera que a pessoa se educa mais pelas situações que vive do que apenas pelas tarefas que realiza na Escola. (p. 12)

Nesta dinâmica os educandos encontram um ambiente propício para sua aprendizagem, pois ele permanece no meio, mantendo os vínculos afetivos, culturais e sociais com a família e a comunidade, e por outro lado o afastamento do meio permite refletir sobre o mesmo, adquirindo novos conhecimentos para agir na transformação deste.

Este método lembra a pedagogia libertadora de Paulo Freire que tem como característica fundamental o diálogo crítico através do qual os seres humanos exercitam a ação-reflexão.

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de *transgressão*. O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 1997, p. 25)

Os conteúdos são desenvolvidos a partir da realidade concreta dos educandos, de suas relações com o mundo e as demais pessoas. São conteúdos que refletem um saber emancipador, que traduzem “temáticas significativas”, “situações-problemas” vinculadas aos reais interesses dos educandos e não à ideologia cultural das elites. (COTRIN, 1989, p. 295)

Neste sentido, a Pedagogia da Alternância possibilita o diálogo e a ação-reflexão, isto por que os conhecimentos estudados na escola são voltados para a realidade dos educandos, e estes conseguem envolver a comunidade no processo de ensino aprendizagem, ao tempo que dialogam com as pessoas sobre tais conhecimentos.

“... principalmente porque o conhecimento que a gente adquire lá é voltado para a nossa realidade para nossa comunidade e através desse conhecimento a gente tem usados na prática aqui algumas coisas que a gente adquire, contribui também no nosso trabalho lá fora que são agricultores voltado justamente para essa área do campo. Os conhecimentos voltados para agricultura, pecuária e a parte social também, que contribui bastante, nas comunidades tanto aqui como nas outras que a gente tem vivenciado é a parte de trabalho de base, contribuiu de alguma forma com aquelas comunidades para organização, principalmente das associações”.
(Josiane Alves Soares Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

“... mas você interage com as pessoas? cada localidade o diálogo, você aprende a como conversar com as pessoas e além do conhecimento curricular? e da formação curricular que através disso se trabalha com as famílias, então o conhecimento ele é grande tanto pela parte social e pela parte curricular, a questão agrícola”.
(Carlos André Ribeiro dos Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

Desta forma, entende-se também que além da formação realizada através do diálogo e da reflexão, a educação acontece em outros espaços para além da escola, como na família, na comunidade, na associação, nos movimentos sociais, nas lutas pelos direitos da classe trabalhadora. No entanto, a escola deve interpretar e refletir o que acontece fora dela.

A escola é mais um dos lugares onde nos educamos. Os processos educativos acontecem fundamentalmente no movimento social, nas lutas, no trabalho, na produção, na família, na vivência cotidiana. E a escola, que tem a fazer? Interpretar esses processos educativos que acontecem fora, fazer uma síntese, organizar esses processos educativos em um projeto pedagógico, organizar o conhecimento, socializar o saber a cultura historicamente produzidos, dar instrumentos científico-técnicos para interpretar e intervir na realidade, na produção e na sociedade. A escola, os saberes escolares são um direito do homem e da mulher do campo, porém esses saberes escolares têm que estar em sintonia com os saberes, os valores, a cultura, a formação que acontece fora da escola. (ARROYO e FERNANDES, 1999, p. 22)

“... conhecimentos em todos os âmbitos: social, organização, trabalho na comunidade, trabalhos coletivos, a parte da formação técnica, que os conhecimentos tais que a gente já obteve, a gente trouxe para a comunidade na alternância através das atividades de retorno e agora também após a formação? Por que os trabalhos que a gente fazia nas atividades de retorno se deu continuidade após a formação”.

(Eliane Barbosa dos Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

“... formação que a EFA trouxe pra gente junto com a pedagogia da alternância, que foi esse reconhecimento, este auto reconhecimento e a valorização de estar sempre junto, valorizando primeiramente as nossas famílias, os nossos pais que são agricultores familiares, valorizar e conhecer os movimentos sociais que estão sempre em luta, juntos buscando os direitos, e o reconhecimento dos direitos dos agricultores”.

(Ludmila de Santana Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

Neste sentido, a EFASE trabalha os conteúdos das disciplinas, os instrumentos pedagógicos e a vivência no cotidiano da escola no sentido de formar um sujeito crítico e participativo na vida social, reforçando a necessidade e importância destes estarem se engajando nas lutas sociais, seja nos movimentos sociais, nas associações e sindicatos, nas instituições em que atuam, de forma que procurem maneiras de continuar a contribuir com o desenvolvimento das famílias das comunidades do semiárido.

Para tanto, o conhecimento é construído e partilhado coletivamente e socialmente, como mostra Eliane ao afirmar que a formação na escola foi mostrando novos horizontes, enfatizando a participação na vida social da comunidade, apresentando resultados concretos como a formação de um grupo de mulheres para realizar o beneficiamento de frutas da caatinga.

“... aprimoração do que eu já sabia do que aprendi na comunidade antes do que eu aprendi com os meus pais, outras coisas novas também, esse foi aprendendo durante o período da formação e que abriu novos horizontes, porque foi além do que eu já sabia e trazendo para cá melhorou, porque eu também pude melhorar as coisas aqui não modificar o que já existia, mas melhorar e a escola orientou nesse sentido, a questão da parte social também sempre priorizando trabalhos coletivos, a questão de mutirões, a questão da formação desse grupo, o conhecimento que a gente teve na escola também a parte social da formação do grupo de mulheres que existe na comunidade”.

(Eliane Barbosa dos Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

Considerando assim que a formação proporcionada aos jovens na EFASE tem um caráter de uma educação contextualizada, voltada para a realidade camponesa, para realidade das comunidades tradicionais de fundo de pasto, na qual percebem as especificidades da vida que foi construída no sertão, aprendendo a lidar com o clima semiárido, fortalecendo o espírito de participação e o desejo de contribuir com o “desenvolvimento do meio social”. A EFASE cria um novo território ao exercer seu projeto educativo, a transformação das condições de desenvolvimento das comunidades avança com a ação dos próprios técnicos.

3. EGRESSOS, TRAJETÓRIAS E ALGUMAS REFLEXÕES.

Ao entrevistar os estudantes egressos da EFASE me deparei com trajetórias de engajamento social em contextos de comunidades camponesas, de comunidades tradicionais. Mesmo que cada trajetória possua certas especificidades, são marcadas por processos de aprendizagem, vivenciados na EFASE, orientados por uma forma própria articular e construir conhecimentos. Essa forma de orientação apresenta um movimento constante entre a prática e teoria, em uma dialética dinâmica que intercala diferentes tipos de conhecimentos acadêmicos e tradicionais.

Os estudantes egressos da EFASE que foram escolhidos como interlocutores deste trabalho pertencem a duas comunidades: Muquém e Monte Alegre foram realizadas entrevistas semiestruturas, em que foram conduzidas por um roteiro, os momentos de conversa com cada entrevistado foram gravados. O maior desafio para realização da entrevista foi à locomoção até a comunidade de Monte Alegre em um dia que estivesse todos os egressos a serem entrevistados, mas isso foi superado pela relação de amizade estabelecida com a maioria deles no período em que estudava na escola, de forma a planejar a melhor data a ir à comunidade. Os momentos de entrevistas foram muito enriquecedor, e os estudantes egressos falavam sobre sua trajetória e perspectiva de forma tranquila acredita que isso aconteceu principalmente por já existir uma relação, e estarmos falando de uma realidade em tanto eu, enquanto pesquisadora e entrevistado tínhamos vivenciado. Seus relatos apresentam que vivenciavam inicialmente o cotidiano de forma “ingênua”, sem se atentarem, de forma detalhada, o modo de vida das famílias da comunidade. Depois que estes estudantes passaram a estudar na EFASE começaram a vivenciar a vida comunitária de outra

forma, utilizando a pedagogia da alternância como instrumento de construção de conhecimentos. Foram estimulados a trocar conhecimentos, a indagar de como as coisas acontecem, a refletir problemas e os anseios vivenciados pelas famílias pertencentes a suas comunidades. Aprenderam a estudar através de referenciais teóricos e práticos. A escola foi formando estes jovens em técnicos sociais que ao saírem da EFASE passaram a traçar trajetórias profissionais diversas, compondo uma diversidade de possibilidades para contribuir na melhoria de vida das famílias do semiárido.

Uma das trajetórias possíveis ao sair da EFASE é dar continuidade aos estudos. Essa foi a trajetória que eu mesma estou seguindo. Arlete assim também orientou sua escolha e hoje ressaltou na entrevista que a escola instigou a conhecer melhor sua própria comunidade. Foi o estudo na EFASE que a estimulou ir a universidade com intuito de voltar e contribuir como Agrônoma, curso que ela faz na UFRB e por isso ela mora hoje em Cruz das Almas.

Depois que saí da EFASE eu fui estudar fora e aí iniciei um curso de engenharia química, mas depois vi que não era a minha cara, não era a minha realidade, aí voltei para o que eu queria desde o início, é agronomia e aí tô fazendo este curso, mas sempre procurando tá junto da agricultura familiar, meu estágio sempre foi voltado para esta área da agricultura familiar, dos pequenos agricultores e um modelo alternativo que mesmo lá onde a formação é pra todos, onde boa parte dos professores tem uma mentalidade voltada para o agronegócio, mas é procurar aprender aquilo que venha trazer benefícios não aquilo que o professor vai lá e dá o conteúdo e você sabe que não lhe serve sua realidade não tem nada a ver com aquilo, tem horas que você se senti meio rejeitado por que boa parte dos professores dão mais exemplos do sul da Bahia, do sul do Brasil, do sudeste, e o nordeste e o semiárido você sempre vê naqueles exemplos pejorativos, não a região seca, não é falando das partes importantes, tipo a produção de umbu que exporta, a organização que a gente sabe que querendo ou não o nordeste tem muitas associações e tal, eles não falam muito nisso, mas o bom de tá lá não tão verde, já sabendo um pouco a respeito disso e o que faz você discernir o que vai lhe servir e o que não vai por que muita gente fica achando que aquilo é uma verdade, só existe uma verdade aquilo que o professor está dizendo em sala, mas por causa da escola família de mostrar um outro lado já tem meio que ver os dois lados e sabe diferir o que serve e o que não serve.

(Arlete de Moura Andrade, entrevista concedida no dia 01/03/2017).

Desta forma a escola também formou a Arlete com consciência do contexto social na qual ela se encontra inserida, mostrando a importância em estudar a realidade do modo de vida das famílias do sertão. Ao passar a entender a relação entre o modo de vida e o modo de produção, entre modo de vida e economia, entre modo de vida e respeito ambiental, entre modo de vida e organização social, passa-se a valorizá-lo e a defendê-lo. Neste sentido o agronegócio deixa de aparecer como a única possibilidade de se produzir, e constata-se que se apresenta como um problema para estas famílias

quando este modelo excluí conhecimentos tradicionais como a escolha de sementes, poder curativo de ervas, estratégias de armazenamento de água. Quando este modelo impede o acesso aos recursos naturais como a terra, a água, as matas. Neste sentido, a escola forma uma consciência social de pertencimento a uma classe que impulsiona os estudantes egressos para contribuírem com a sua comunidade, com as outras comunidades da região, com os movimentos sociais. Os egressos permanecem focados na construção de conhecimentos que realmente vão servir para as famílias camponesas, fortalecendo os modos de vida tradicionais.

Sabemos que as práticas educativas só tem sentido se ela estiver comprometida com a mudança e transformação das relações sociais impostas atualmente pelo capitalismo. A EFASE no contexto da região de Monte Santo está a serviço da formação da classe trabalhadora e tem servido como espaço de construção e (re)construção do conhecimento numa relação dialética, partindo sempre de uma relação permanente com as práticas historicamente construídas pelos/as jovens camponeses/as e suas comunidades. (SILVA, 2012, p. 35)

Ludmila também acentua que a pedagogia da alternância marcou a forma de conhecer melhor a realidade e valorizou o aprendizado dos conhecimentos tradicionais. A partilha de conhecimentos marca a relação que se estabeleceu com agricultores, jovens e crianças. Ao sair da EFASE, os egressos entrevistados continuam em busca de novos conhecimentos. Ludmila se engajou na pastoral da juventude rural (PJR), e passou a trabalhar em entidades sociais. As relações de trabalho propiciaram a ela novas relações sociais, que possibilitaram construir família em outra localidade, e hoje mora em Caldeirão do Mulato, no município de Antônio Gonçalves. Ela já trabalhou como monitora Escola família Agrícola de Antônio Gonçalves da (EFAG). Permanece como militante da PJR, apesar de agora estar um pouco mais afastada. Trabalha como técnica agropecuária da CACTUS²² na comunidade quilombola de Laje dos Negros, em Campo Formoso – BA.

“... na verdade continuei nessa luta, nessa trajetória enquanto militante da Pastoral da Juventude Rural. Entre 2014/2015 fui monitora da EFA de Antônio Gonçalves onde mais um momento, assim em uma outra vertente, não mais como aluna, mas como monitora a todo momento a gente busca, a gente coloca em prática o que aprendeu, os conhecimentos e está aberto a novas buscas, então trabalhar com os jovens, desde a Pastoral da Juventude Rural, quanto a EFA e isso nos engrandece, e aí depois em 2016 atualmente eu trabalho pela uma entidade, a CACTUS, eu trabalho junto com os colegas na região quilombola de Lage dos Negros, município de Campo Formoso e esse trabalho é assistência técnica voltada para região quilombola e todo esse processo, não só a assistência técnica na propriedade, seja dando orientação manejo de caprinos e ovinos, manejo agroecológico na produção,

²² A página na internet apresenta a CACTUS como uma “Associação de Assistência Técnica e assessoria aos Trabalhadores Rurais e Movimentos Populares” - <https://ascom-cactus.jimdo.com/>

na lavoura, a gente também busca a contribui nas comunidades desde a organização social, a organização de uma associação, busca a valorização da cultura, a cultura afro, então toda a equipe a gente busca muito trabalhar e contribuir com o técnico e o social da região, então todo este trabalho, toda o trabalho já desenvolvido, e o trabalho que estamos desenvolvendo...” (Ludmila de Santana Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

A trajetória profissional de Ludmila perpassou diversos espaços. Movimento social da igreja católica pela pastoral da juventude rural, ensino formal na EFA de Antônio Gonçalves e agora está trabalhando numa associação que presta assistência técnica, CACTUS, para famílias camponesas. Faz sete anos que ela saiu da EFASE e ter passado por estas organizações mostra a pluralidade de possibilidades que a formação que recebeu permite. Mostra que a forma de articular conhecimentos está realmente engajada ao contexto local e que existem instituições locais demandando por esse perfil de profissional. A atuação nestas instituições permitem que Ludmila tenha um acesso qualificado a uma variedade de situações na qual sua atuação profissional tem contribuído para fortalecer os modos de vida local.

Outro destaque que eu quero indicar na trajetória de Ludmila, é que as relações que foi estabelecendo a levaram a construir família em outra localidade. Isso não significa que deixou sua relação com Muquém, mas que ampliou a abrangência de seu pertencimento, tendo Caldeirão do Mulato como uma nova referência comunitária de pertencimento.

A trajetória de Elias também destaca a construção de conhecimentos que a pedagogia da alternância proporciona ao relacionar os distintos conhecimentos, acadêmicos e tradicionais. A formação que ele obteve na EFASE também foi responsável para ele conseguir trabalho na região de Monte Santo e também a ingressar na universidade. Aqui destaco o esforço conjunto da comunidade que forma a EFASE em realizar parcerias, neste caso específico com o INCRA e a UFRB, na construção de um curso de técnico em agroecologia, na qual possibilita que a própria EFASE sedie um curso superior na região de Monte Santo. Ele continua a morar em Muquém contribuindo cotidianamente na vida social. .

“A minha trajetória quando sai da escola, no máximo foi um mês que fiquei sem trabalhar, logo em 2015 em janeiro, eu passei a trabalhar na ARESOL (Associação Regional dos Grupos Solidários de Geração de Renda)²³, que é uma instituição parceira da Escola Família Agrícola do Sertão, e passei a trabalhar no projeto PAA que a instituição estava desenvolvendo, Programa

²³ A página na internet apresenta a ARESOL como “Associação Regional dos Grupos Solidários de Geração de Renda” sendo uma rede de grupos produtivos solidários e gestora de Fundo Rotativo e Solidário (FRS). - <http://aresol.org/>

de Aquisição de Alimentos e doação simultânea pela CONAB, e posteriormente também passei a trabalhar no CESOL (Centro Público de Economia Solidária da Bahia)”.
(Elias da Silva Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

A trajetória de Elias também nos mostra o quanto que os profissionais formados pela EFASE são requisitados por instituições que atuam localmente. Neste trecho acima destacado ele também enfatizou a ação de algumas políticas públicas, como o programa de aquisição de alimentos (PAA). Políticas como esta estimularam uma organização local qualificada que pudesse intermediar a ação da política ao mesmo tempo em que propiciasse novos arranjos organizacionais e institucionais. Mesmo que de uma forma inicial, arrisco a afirmar que na EFASE se articulam as pedagogias da alternância, do trabalho e da autonomia, de uma maneira própria que possibilitam que os estudantes egressos tenham mais condições de compreender os desafios do contexto social, e estejam preparados para articular conhecimentos sintonizados com demandas específicas da organização social local.

Enquanto Ludmila foi morar em Caldeirão do Mulato, Catiana vem morar em Muquém, como já mencionei. Catiana estudou na EFA de Pintadas no ensino fundamental e veio para EFASE com o intuito de fazer o ensino médio também com a pedagogia da alternância. Logo após o término do curso ela ficou morando em Muquém e passou a pertencer à comunidade na qual construiu família. Também está construindo uma trajetória profissional na região, sendo hoje monitora da EFASE, e contribui na vida da comunidade de Muquém. Ela também está prosseguindo com seus estudos através do Curso de Pedagogia no formato de Educação a Distância (EAD) pela UFBA (Universidade Federal da Bahia), como forma de aperfeiçoar seus conhecimentos.

“2008 no projeto Gente de Valor que era pela escola, depois fui convidada a continuar lá na escola no corpo da equipe dos monitores, então a princípio eu fiquei na equipe técnica acompanhando os alunos nos setores agropecuários, a partir de 2010 eu iniciei na sala de aula então a princípio trabalhei com a disciplina de matemática e no ano seguinte comecei nas disciplinas técnicas e também acompanhando os alunos, mas em 2016 eu saí da equipe técnica de acompanhar os alunos e hoje continuo em sala de aula trabalhando com as disciplinas técnicas com o ensino fundamental”.
(Catiana Lima Ribeiro, entrevista concedida no dia 10/04/2017).

Desta narrativa de Catiana reforço as parcerias que a EFASE realiza. O projeto gente de valor, de iniciativa da Companhia de Ação Regional (CAR), instituição do governo da Bahia, potencializou a atuação da escola junto às famílias da região e permitiu a contratação de quadros formados pela própria escola. No caso de Catiana essa foi uma porta de entrada para ela continuar na escola, primeiro como monitora de

acompanhamento técnico e agora como monitora educadora. Catiana também continua a buscar uma capacitação formal, em um curso de EAD na UFBA.

Rogério, meu tio, pertencente à comunidade de Muquém ingressou na EFASE na segunda turma no ensino fundamental estudando entre os anos de 1999 a 2002, depois ele parou de estudar, pois na EFA não tinha ainda o ensino médio. Retornou em 2005 quando a primeira turma do ensino médio foi formada, concluindo o curso em 2008. Na entrevista que ele me concedeu ressaltou que a EFASE se apresenta como alternativa ao deslocamento para grandes cidades, e apresenta a pedagogia da alternância como um intercâmbio de saberes e uma forma de trabalhar na agricultura para manter financeiramente e sustentar os estudos. Hoje ele mora na sede da cidade de Monte Santo e realiza trabalhos em comunidades do município de Monte Santo e Cansanção. Destacou que repassa os conhecimentos adquiridos na EFA, como o melhoramento genético do rebanho, tecnologias para melhorar a produção agrícola, ações para melhorar a relação com o meio ambiente, construir projetos para estruturar as propriedades. Rogério também trabalha em assessorias que culminaram na formação de uma empresa com mais dois egressos da EFASE. Todas estas ações acabaram por estabelecer certo distanciamento de Muquém. No entanto tem uma relação social bastante ativa com o STTR (Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais) de Monte Santo.

“Trabalhando prestando serviço na assistência técnica e extensão rural. Logo que concluí consegui trabalho. Trabalhei no projeto da AREFASE, depois comecei a trabalhar na FATRES²⁴ onde atuo até hoje. Tenho uma empresa com mais três sócios, dois deles também estudaram na EFASE, e trabalhamos na prestação de serviço de Elaboração de PRONAF(Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), cadastro ambiental, assistência técnica”.

(Rogério de Andrade Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

Rogério também apresenta outra possibilidade profissional: montar uma nova instituição. Criar outra instituição de assessoria nos mostra o quanto o contexto social foi dinamizado nestes últimos anos. Aqui ele apresenta outra política pública, neste caso que fomenta o crédito no âmbito de políticas para a agricultura familiar e assentamentos rurais.

²⁴ A página na internet apresenta a FATRES como “Fundação de Apoio à Agricultura Familiar do Semiárido da Bahia” sendo uma entidade civil, que nasceu do anseio de colocar-se a serviço das populações menos favorecidas, discriminadas de comunidades rurais, que vivem num contexto de violação de direitos e exclusão do exercício da cidadania. - <http://www.fatres.org/portal/>

Alana que como já mencionei pertence a comunidade de Monte Alegre estudou mesma turma que eu estudei quando estive na EFASE. Ela destacou durante a conversa que tive com o grupo de estudantes egressos que as metodologias de práticas de convivência com o semiárido e a pedagogia da alternância foram importantes para a construção de conhecimentos e experiências que contribuem hoje na sua trajetória profissional, para ela a escola também se apresenta como alternativa para permanecer no sertão, fortalecendo o trabalho de base e a participação nos movimentos sociais. Enfatizou que a formação na EFA não é apenas de um técnico, mas nela existe formação integrada ao social, a formação de caráter comprometido com questões locais, que busca saber lidar com as pessoas do campo. Destaca que essa formação integral só é possível pelo uso dos instrumentos pedagógicos. Hoje reside na sede do município de Monte Santo.

*Depois dos oito anos de curso na EFASE, eu trabalhei seis meses no projeto de agroecologia na caatinga aqui em Monte Santo, que foi um projeto de recuperação em comunidades de fundo de pasto e depois trabalhei dois anos no projeto de assistência técnica extensão Rural nas Comunidades Quilombolas da região de Campo Formoso e agora atualmente estou aqui atuando na Associação Regional dos Grupos Solidários de Geração de Renda com os pontos de venda que são o Monte Sabores.
(Alana Alves Soares Santos, entrevista concedida no dia 15/05/2018).*

Destaco neste trecho da entrevista a diversidade de projetos na qual Alana participou, reforçando o contexto dinâmico da ação social na região nestes últimos anos. Reforço que a EFASE está propiciando a formação de quadros técnicos que estão se inserindo ativamente neste contexto.

Josiane é irmã de Alana estudou na EFASE do ensino fundamental ao ensino médio. Para ela a pedagogia da alternância desenvolvida na EFASE proporcionou a participação na vida comunitária da comunidade, assim como nos movimentos sociais, em especial ao Movimento dos Fundo e Fecho de Pasto. Em sua perspectiva a formação de um técnico social é importante para as comunidades em que atuam. Também destacou outro fator importante: as amizades construídas na escola. Para Josiane a convivência e as trocas de experiências propiciadas pelo tempo escola ampliam o horizonte social dos estudantes. A trajetória profissional dela também fez com que ela fosse morar em outra localidade da região comunidade quilombola Lage dos Negros no município de Campo Formoso, local onde atua pela CACTUS.

“Minha trajetória, eu fiquei um ano em casa, depois trabalhei na AREFASE associação da escola fiquei alguns meses parado e fui para CACTUS, desenvolvendo o trabalho de assistência técnica eu também tive uma oportunidade de adquirir uma experiência no Mais Educação no Morro

Branco dando aula para alunos o ensino fundamental para essa área de agricultura, pecuária”.
(Josiane Alves Soares Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

Repete-se algo parecido com outras trajetórias aqui já apresentadas. Josiane transita em instituições de ensino e assistência técnica, reforçando a demanda local por profissionais qualificados. O projeto Mais Educação, ação do governo federal em parceria com os Estados, aparece como mais uma política pública que absorveu os profissionais formados pela EFASE.

Eliane também de Monte Alegre, destaca que os conhecimentos nos âmbitos social, organizacional, o trabalho na comunidade, os trabalhos coletivos, a formação técnica recebida, foram provocados no contexto da pedagogia da alternância através do instrumento pedagógico denominado “Atividade de Retorno”. Ao serem realizados na comunidade as atividades de retorno imprimiram um modo de partilhar a relação de conhecimentos que continuou mesmo depois de Eliane sair da escola. A troca de conhecimentos propiciou uma maior qualidade na formação, induzindo cada vez mais o aprimoramento dos conhecimentos. Ela ressalta ainda que a formação na EFA orientou os jovens no sentido de contribuir na comunidade, não com uma postura de modificar o que já existia, mas em melhorar, priorizando sempre a participação social, a realização de trabalhos coletivos. Para Eliane essa postura incentivou a formação de um grupo de mulheres na comunidade para realizar o beneficiamento de frutas da caatinga, aproveitando os frutos que eram perdidos e gerando uma renda a mais dentro da comunidade. Essa atividade ela realiza hoje junto às mulheres da comunidade, além de ser a presidenta da associação. Ela também está envolvida nas lutas travadas pela comunidade, a luta pela terra que acontece contra grileiros e mineradoras. Ela já atuou no programa Mais Educação na escola da localidade de Morro Branco e na AREFASE pelo edital do Bahia ATER Fundo de Pasto.

“Passei os três anos sem trabalhar, quer dizer comecei a trabalhar na escola do município no mais educação onde a gente dava aula sobre manejo agricultura também e aí depois eu trabalhei pela escola, pela EFASE, pelo Bahia ATER, que a gente executava pelo contrato de três anos e ele era exclusivo para as comunidades tradicionais de fundo de pasto que no caso era o lote seis que escola concorreu e aí a gente executou o ATER durante este período e depois trabalhos na comunidade, trabalhos coletivos, coisas relacionadas a associação, hoje a gente tá assumindo PNAE, associação tá assumindo, na qual eu sou a representante, a presidente da associação. Na verdade, me bateu um pouco de medo assim porque era uma coisa nova para mim assumir a questão de ser presidente associação, mas foi o medo que uma coisa nova, acho que sempre existe o medo quando surge uma coisa nova na sua vida, mas a relação com a comunidade aumentou a partir da escola, antes quando eu começo a estudar na EFASE a relação ficou melhor

depois que eu comecei a estudar lá ...em todos os âmbitos e agora aumentou mais ainda, como representante legal.”
(Eliane Barbosa dos Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

A trajetória de Eliane reforça a diversidade de ações potencializadas em sua formação. Hoje ela articula uma ação técnica e profissional com sua atuação comunitária. Presidenta da associação, integrante do grupo de mulheres, já deu aula na rede municipal, já atuou como técnica prestando assessoria a comunidades de fundo de parto através de uma política pública de assistência técnica e hoje atua em outra política pública que visa as famílias das comunidades fornecerem alimentos para a merenda escolar. Está envolvida diretamente na defesa dos direitos territoriais da comunidade ameaçados pelos interesses de mineradoras e da especulação imobiliária.

Carlos destaca que a pedagogia da alternância possibilita o diálogo com as pessoas, e articula os conhecimentos acadêmicos com os conhecimentos empíricos, sendo que possibilita testar a teoria na prática, além de perceber os conhecimentos dos agricultores, sendo uma forma também de compartilhar conhecimento.

“Quando eu saí da escola eu vim para comunidade e não trabalhei e depois tive que trabalhar, e aí assim como a necessidade era muito grande eu trabalhei fora da área técnica, eu trabalhei em loja na cidade e depois fui trabalhar no IRPAA que lá na região do Pilão Arcado e o trabalho que eu tive no IRPAA foi um trabalho muito bom pela questão da formação que a gente teve durante esse tempo não só a minha, mas também dos demais que a gente tinha uma formação diferenciada, o IRPAA é bem diferenciado de outras entidades pelo esse processo formação dos técnicos por mais que eles serão estudados na escola, mas se tem uma formação antes de iniciar qualquer trabalho que a formação de como você está se expressando com os agricultores com os agricultores e as famílias então é um estudo mesmo de você fazer dramatização e você está respondendo questionário, se colocando no lugar dos agricultores então assim é uma forma de você tá ganhando esse conhecimento está se aprimorando para estar conversando com agricultor assim então foi muito bom essa parte de eu estar me expressando tando com os agricultores, como coletivas reuniões, com outras pessoas foi bem melhor comecei a me soltar mais a conversa mais também com as famílias e aí de lá depois do IRPAA comecei fazer o trabalho particular e agora tô trabalhando na Central de fundo de pasto que é no projeto de busca ativa das Comunidades tradicionais de fundo de pasto E no momento está sendo muito bom apesar de cansativo, Sento Sé é um município muito grande, a comunidades mais próximas são a 100 km, são comunidades muito distante... trabalhei em Monte Santo pela FATRES que era mesmo trabalho que eu desenvolvi em Pilão Arcado”.
(Carlos André Ribeiro dos Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

Carlos nos apresenta uma diferenciação maior com outras trajetórias. Num primeiro momento ele retorna para Monte Alegre para fortalecer as ações comunitárias. Porém a necessidade de outra fonte de renda faz com que ele busque um emprego remunerado. A princípio ele não é absorvido pelo rol de instituições locais e acaba indo trabalhar provisoriamente no ramo do comércio. Mas logo é contratado por uma

organização não governamental, de atuação mais abrangente no entorno do Lago de Sobradinho e nos municípios de Uauá, Curaçá e Canudos. Passa a ter uma atuação mais destacada no movimento dos Fundos e Fechos de Pasto. Carlos mostra que a EFASE tem o potencial de formar profissionais para atuação também em outras regiões, quando estes não são absorvidos pelas instituições locais. Carlos também conseguiu articular essa atuação profissional com o movimento social na qual sua família tem atuado ativamente. Mesmo residindo em um município que fica a 410km²⁵, mantém uma troca constante com seus colegas de movimento social e sua família.

Por fim, a trajetória de Marcos é invertida a de Carlos. Primeiro trabalhou na Central de Fundo de Pasto executando o projeto Pró Semiárido²⁶, e hoje se considera agricultor, pois trabalha na roça, e sua relação com movimentos sociais se dá pela associação de Monte Alegre. Ele destaca a importância de estar sempre compartilhando o conhecimento, e que muitas vezes é necessário fazer na prática, para poder incentivar os outros a estarem fazendo também. Afirma que não adianta o estudante chegar na comunidade apenas falando que tal prática é boa, mas é preciso ele colocar em prática na propriedade da família ou de outra família, pois muitas pessoas só acreditam depois que verem o sucesso da atividade, e assim acontece a troca de experiência entre o educando (a) ou técnico(a) e o agricultor.

“Quando eu me formei fui trabalhar na Central de Fundo de Pasto, mas assim, aqui nas comunidades mesmo onde eu moro, aqui na minha comunidade eu trabalhei, é disse que santo de casa não faz milagre, mas faz, eu trabalhei aqui e a gente teve resultado e outras comunidades aqui vizinha também, depois sair e fui trabalhar na CAAF, que é uma instituição do sindicato de Bonfim, no projeto pro semiárido, trabalhei 10 meses, isso já era em comunidades um pouco distante, mas não tanto, e assim todo meu trabalho, mesmo você indo trabalhar num projeto deste e eles já tendo a cartilha do que você tem que fazer, mas estes projetos do governo voltados mesmo para a agricultura familiar tem muito espaço para você aplicar os conhecimentos que você tem que foi adquirido na escola família, tem coisas que as vezes foge um pouco da realidade mas sem aquele chefe no seu pé, para dizer o que tem que fazer aqui dar para você mudar um pouco, não vai mudar totalmente por que tem as cobranças e sempre tem uma fiscalização, mas tem muitas coisas que dar para você mudar”.

(Marcos Vinicius Cardoso Lima, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

Marcos aborda a necessidade dos conhecimentos mais detidos sobre a região, a relação mais próxima com as comunidades, coma as famílias, permitem que um técnico

²⁵ Esta distância se refere ao trajeto percorrido nas estradas disponíveis. Em linha reta a distância é de 290km.

²⁶ A página na internet apresenta o Projeto Pró Semiárido, de iniciativa da Companhia de Ação Regional (CAR), instituição do governo da Bahia, que disponibiliza investimentos produtivos geradores de renda e fortalecimento sustentável da agricultura familiar, incluindo o fortalecimento das capacidades locais e gestão associativa. - <http://www.sdr.ba.gov.br/servicos/projeto-pro-semiarido>

tenha a capacidade de adaptar um projeto que chega em uma localidade. Seria uma espécie de contextualização deste projeto a realidade local. O técnico formado pela EFASE teria condições de avaliar quais as condições para os projetos desenvolvidos nas comunidades venham a se adequar as demandas e necessidades locais. Sua narrativa também marca a importância de aplicar na prática os conhecimentos que possui.

Assim, podemos perceber uma diversidade na realidade e na trajetória dos interlocutores que fizeram parte deste trabalho de conclusão de curso. Entrevistei seis mulheres e quatro homens. Três dos estudantes egressos - Arlete, Catiana, Elias - continuam os estudos no ensino superior em diferentes cursos -Agronomia, Pedagogia e Agroecologia. Josiane e Ludmila que são de comunidades diferentes atualmente estão trabalhando na mesma entidade, a CACTUS e no mesmo projeto na região de Lage dos Negros em Campo Formoso. Eliane, Elias e Marcos Vinicius continuam morando na comunidade de origem, onde Marcos Vinicius é agricultor e Eliane Presidente da associação. Assim como egressos da comunidade foram morar em outras localidades, Catiana passou a morar na comunidade de Muquém e contribuir na organização comunitária. Neste sentido serão realizadas algumas reflexões no sentido de compreender as possibilidades que a alternância propicia na vida do egresso, como a conciliação entre estudo e trabalho, a relação com os movimentos sociais e a alternância como uma nova forma de construção de conhecimento.

3.1. CONSTRUINDO NOVAS PERSPECTIVAS

Um dos desafios para classe trabalhadora é ter acesso à formação escolar e conciliar os estudos com a necessidade de contribuir com a renda familiar. A pedagogia da alternância e a pedagogia do trabalho, na forma como são vivenciadas nas escolas família agrícolas (EFAs), permitem conciliar estudo e trabalho, em especial o trabalho agrícola, com destaque para os trabalhos que são realizados em âmbito comunitário e familiar.

A pedagogia da alternância facilitava a minha ida a escola, pois no período do tempo comunidade realizava trabalhos na roça para conseguir recursos para se manter na escola e realizava práticas na propriedade, além de se envolver nas organizações da comunidade, como a associação”.
(Rogério de Andrade Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

Mas uma escola família agrícola tem investimentos para família do educando, do que uma escola pública, mantida pelo estado, geralmente não acarreta. Quando o

educando vai para a sessão escola deve levar roupas de cama, roupas para atividades práticas nos setores agropecuários (calça, bota, camisa de manga longa), roupas para usar no dia a dia, itens de higiene pessoal e inclusive algum item de alimentação, este último é definido a partir da situação financeira da escola. Também existem estudantes que arcam com o deslocamento até a escola ou até a sede do município, onde pegam o ônibus da prefeitura que os levam até a escola. Assim, em uma escola família agrícola há um custo adicional para conseguir se manter na escola. Então por que as famílias querem que seus filhos estudem em uma escola que exige a participação ativa das mesmas na manutenção da escola, bem como necessitam de recursos para manter seus filhos estudando, o que não é necessário em uma escola da rede municipal de ensino.

Há várias possibilidades para responder esta questão, mas vou me concentrar em um ponto pragmático na qual percebe-se que a pedagogia da alternância vai além de seus aspectos educativos. Ela possibilita ao estudante realizar algum tipo de trabalho que gere renda e possa estar melhor sintonizado com seus estudos. No aspecto educativo, tanto a pedagogia da alternância como a pedagogia do trabalho, sintonizadas, requerem que os estudantes se envolvam em atividades comunitárias, como parte de seu aprendizado. O trabalho é percebido como fonte de conhecimento e através do trabalho novos conhecimentos podem ser construídos.

A alternância é então percebida no cotidiano das famílias também como uma alternativa ao deslocamento para grandes cidades. Muitos jovens são cativados pela ideia de que é melhor viver nos grandes centros urbanos, principalmente por que pensam que nas cidades podem conseguir trabalho com mais facilidade e assim ter recursos e se sustentar. Existe ainda hoje, uma desvalorização do trabalho na roça, e a maioria das escolas da região acentuam esta desvalorização. O ensino descontextualizado da realidade não apresenta alternativas possíveis de transformação da realidade local. Alguns jovens nem terminam o estudo e vão para os grandes centros, geralmente para São Paulo.

Os depoimentos demonstram que para o jovem do sertão, “ficar” ou “sair”, são questões muito vinculadas às opções de trabalho e vida que vão surgir. Na minha busca pela possível razão de sair do rural, não ouvi depoimentos que falassem do desejo de ruptura com o ambiente, pela simples vontade de ganhar um novo rumo. Mas, percebi, em muitos casos, a frustração advinda da constatação de que as condições do lugar em que moram não os permite viver do jeito que gostariam no lugar em que nasceram. (CAVALCANTE, 2007, p. 203)

Em contramão a esta realidade a formação na EFASE mostra alternativas possíveis, onde a permanência do jovem nas comunidades rurais se viabiliza

financeiramente. Na EFASE se estuda a realidade da vida camponesa, o dia a dia das famílias nas comunidades, os aspectos do modo de vida são valorizados o que estimula os jovens a gostarem de trabalhar na terra, de criarem animais. Como vimos na trajetória dos interlocutores deste trabalho, estes escolheram continuar a viver nesta realidade do campo, seja como agricultor/agricultora, seja continuando os estudos em outras cidades no intuito de voltar ou ainda, trabalhando em entidades dando assessoria técnica as famílias, ensinando práticas de convivência com o semiárido, ajudando no desenvolvimento das comunidades.

“... eu hoje estou estudando na universidade federal (...) a maioria não concluiu a quarta série, as meninas concluíram o ensino médio e foram pra onde? Pra São Paulo. [...] se eu já sou filha de agricultor e já gosto da terra, já gosto de animais, mas reforçou, por que talvez eu fosse mais uma a tá no grande centro urbano ai trabalhando”.
(Arlete de Moura Andrade, entrevista concedida no dia 01/03/2017).

Arlete explicita que a escola estimulou seu gosto pela vida de produção no campo. Ao se comparar com os demais jovens da comunidade que estudaram junto com ela nos anos iniciais do ensino fundamental, mas que não foram para EFASE, mostra que a escolha por continuar os estudos em uma EFA possibilitou outra percepção da realidade e conseqüentemente abriu novas perspectivas para além de se deslocar para um grande centro.

Conhecendo a realidade da comunidade de Muquém é possível afirmar que realmente a orientação pedagógica e os conteúdos recebidos na EFASE nos permitiram perceber formas de permanecer no campo. Lembro que quase toda família de Muquém tem pessoas que moram em São Paulo, a maioria vão ainda jovens, sem terminar os estudos em busca de outra forma de renda, desde que consigo me lembrar, poucos retornam para morar na comunidade. Os jovens que ingressaram na EFASE e concluíram ou mesmo os que não concluíram o curso técnico, continuam na comunidade ou na região sertaneja, sem ter interesse em ir para os grandes centros, mesmo que a ideia de uma melhor renda seja muito propagandeada.

Quando estudante da EFA os jovens estabelecem uma relação com a sua comunidade de pertencimento, pois tem uma relação com as famílias, com a associação, participando e organizando atividades coletivas, alguns estabelecem também uma relação com outras comunidades da região. Quando saem da escola continuam esta relação seja na sua comunidade ou onde estiverem atuando. Quando as associações e/ou entidades sociais indicam jovens para estudarem na EFASE e contribuem na sua

formação durante todo processo educativo, existe o interesse que estes jovens, ao terminarem os estudos, voltem para a comunidade para continuar a contribuir.

No entanto nem sempre acontece o retorno para as localidades de origem. Como vimos na trajetória de Ludmila, Catiana, Rogério, Alana, Josiane e Carlos André, estes estão trabalhando e morando em outros locais. Porém temos que perceber que a contribuição destes no fortalecimento dos modos de vida da região vai além das atividades em suas comunidades. Não está em jogo apenas as oportunidades de emprego em organizações que atuam em outras comunidades e em outros municípios. O foco da participação destes na vida social da sua comunidade muda significativamente. O conhecimento mais amplo da região em que vivem se amplia, como também se multiplica as possibilidades de estabelecer relações, de se fazer alianças. Estes jovens começam a se envolver nas comunidades/municípios, na qual estão atuando.

Nas entrevistas com os interlocutores deste trabalho foi possível identificar diferentes trajetórias. Estas trajetórias evidenciaram a possibilidade de conciliar estudo e renda familiar, estudo e trabalho. Indo mais além, estas trajetórias também demonstram a possibilidade de conseguir na região uma renda que propicie a reprodução de seu modo de vida com o fortalecimento deste mesmo modo de vida. Ir para uma grande cidade não é a única opção que esteve no horizonte destes profissionais formados pela EFASE.

*“A partir de 2015, a gente quando sai da EFA, quando se torna profissional, a gente tá aberto a ir em busca, então tive que me deslocar, morar em outra região, até então moro no município de Antônio Gonçalves, se deu a partir do trabalho como monitora da EFAG – Escola Família Agrícola de Antônio Gonçalves, na qual fui trabalhar como técnica e monitora da EFA e também por formar uma nova família, por casamento, por lá mesmo casei e moro até hoje, e tá neste processo já não trabalho mais na EFA, já trabalho em um outro município vizinho, Campo Formoso em uma região muito distante, e costumo brincar, costumo dizer que até hoje eu vivo a pedagogia da alternância, até pelo período, eu convivo com o trabalho, no trabalho com as famílias que acompanho, nas famílias que dou assistência técnica, e tem um pequeno período que eu venho ficar com a família, então sempre há esta troca do conhecimento dos momentos vivido com a família, é levado o que se dar para aproveitar dos conhecimentos adquiridos em reuniões, com a família, com pessoas parceiros, amigos, é levado para o trabalho e tudo que é aprendido com os agricultores, com as famílias também é atribuído nos outros momentos com a família, com parceiros, entidades parceiras, organizações que a gente está sempre dialogando, então praticamente eu vivo a pedagogia da alternância, então uma vez na pedagogia da alternância, não tem como sair, a gente sempre busca se espelhar nos valores que ela nos traz, a gente sempre se espelha nesses valores.
(Ludmila de Santana Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).*

Na perspectiva apresentada por Ludmila, sua formação na EFASE marca a sua valorização profissional. Mas Ludmila vai além, a forma de construir conhecimentos através dos tempos formativos vivenciados na alternância marcou nela uma forma de ser e estar no mundo. Ela permanece articulando os diversos espaços que fazem parte de seu cotidiano. Os aprendizados que adquire na vida profissional, tanto no aprimoramento teórico, mas especialmente no aprendizado junto a famílias de comunidades que presta assessoria são levados para Caldeirão do Mulato, comunidade de referência de sua nova família. A alternância se torna uma pedagogia para vida, uma pedagogia que articula conhecimentos, que considera uma diversidade de espaços sociais como espaços de aprendizado.

“No período que estava estudando desenvolvia as minhas atividades lá, como a atividade de retorno, além disso tem o PPJ que é o Projeto Profissional do Jovem que todo aluno tem que elaborar esse projeto e colocar em prática, então assim eu fiz isso durante o período que eu morava lá em pintadas e assim o fato de o ter continuado na escola isso não quer dizer que eu deixei de exercer de colocar em prática aquilo que eu aprendi em sala de aula. Outro fator que contribuiu para eu ficar aqui além do trabalho foi ter construído família, mas eu procuro está sempre colocando em prática aqui em casa, na comunidade aquilo que eu aprendi... A minha relação com a comunidade que resido, eu acho que é uma relação muito boa e hoje faço parte associação não só como sócia, mas também fazendo parte da diretoria, como tesoureira, e ajudo em mutirões quando tem na comunidade, hoje também faço parte como tesoureiro do caixa escolar da escola Belo Monte aqui da comunidade”.

(Catiana Lima Ribeiro, entrevista concedida no dia 10/04/2017).

O sentido que Catiana encontrou na vida comunitária também deve ser levado em consideração. Não é apenas um trabalho qualquer, uma renda qualquer que está em jogo. É o espaço que ela fortalece na qual definiu constituir sua nova família. Fazer parte da associação ao mesmo tempo em que é monitora da EFASE permite que ela cuide dos jovens da região ao mesmo tempo que está cuidando de sua própria família. Fortalecer os modos de vida da região fortalece também sua família.

Meu tio Rogério passou a morar na cidade de Monte Santo, pois facilita o deslocamento para as comunidades de Monte Santo e Cansação, na qual trabalha. Então a relação cotidiana com Muquém ficou um menos constante. Já Elias continua na comunidade vivenciando os momentos organizativos.

“A relação é boa, mas agora no momento em questão de organização está mais fracassado, por causa do acarretamento de trabalho. Agora está trabalhando em Cansação, mas toda sexta estou em Monte Santo”.

(Rogério de Andrade Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

“Minha relação com a comunidade de origem é muito boa, pois a gente sempre tem momentos de diálogo com os agricultores, sempre fazemos reuniões, para discutir temáticas diversificadas, onde aprende tanto na área

política, como social e sendo que na própria comunidade sempre tem assembleia, a gente participa da assembleia, a gente pauta nas reuniões temas importantes voltados a associativismo, cooperativismo, dentre outras temáticas de grande ênfase, para a formação de ideias”.
(Elias da Silva Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

A mescla entre trajetórias de atuação mais regional ou mais comunitária permite uma diversidade de formas de atuação, cada qual com seu papel mais específico. Rogério ocupa um espaço de atuação que antes era marcado pela mediação da igreja, através dos padres que atuavam nas comunidades eclesiais de base. Ou por técnicos dos órgãos de assistência técnica, que em sua maioria eram de outras regiões. A mediação ser feita por pessoas das comunidades locais possibilita uma ampliação da relação entre comunidades, permite uma ampliação da visão sócio política da região.

A relação dos estudantes egressos da comunidade de Monte Alegre se mantém atuante, mesmo quando estão morando em locais distantes. Estar longe pode ser temporário, como é o caso de Marcos Vinicius que saiu da comunidade por um determinado período, mas que agora está se dedicando totalmente a vida comunitária, sendo agricultor. Eliane hoje é presidente da associação e faz parte do grupo de mulheres que beneficiam frutas da caatinga. As atividades de beneficiamento de frutos que desenvolve hoje são decorrentes das atividades que eram realizadas quando ainda estudavam na EFASE. Com apoio de Alana consegue estabelecer uma relação entre a comunidade e a ARESOL, potencializando a comercialização da produção beneficiada.. A ação articulada entre egressos da EFASE proporciona ainda mais oportunidades para o fortalecimento comunitário.

Porém o afastamento cotidiano parece incomodar os próprios estudantes egressos. A distância física acarreta também em ter menos momentos de contribuição direta nas comunidades de pertencimento de suas famílias.

“... relação com a minha comunidade de origem ela não continua como antes porque não estou mais presente como antes, mas assim ainda faço parte da organização da associação e procuro contribuir sempre que possível tanto na associação como na comunidade, mesmo não morando lá contribuo indiretamente e diretamente”.
(Alana Alves Soares Santos, entrevista concedida no dia 15/05/2018).

“A minha relação com a comunidade ela está bem complicada pelo fato de eu estar trabalhando fora e assim eu tô bem distante da comunidade, tô até me questionando sobre isso esse negócio tá errado estou muito longe, aí eu tenho que me aproximar mais e é bem complicado porque você sabe que tem que estar aqui não que eu deixei de estar na comunidade, mas está sim bem difícil a relação social com a comunidade tô precisando está mais próximo, porque eu tô trabalhando fora e passa muito tempo fora e quando vem só um pouco tempo”.
(Carlos André Ribeiro dos Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

“Nosso relacionamento é família, bem minha relação aqui na comunidade, então aqui todo mundo é irmão, primo, tio, sobrinho e aí assim eu tenho participado aqui na comunidade antes eu participava do grupo de produção, mas agora eu tô mais distante porque eu tô lá para o lado da Lage e da associação também sou sócia...”
(Josiane Alves Soares Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

Como o grau de parentesco entre os membros das comunidades é muito próximo, mesmo vivendo em locais distantes os egressos mantém uma certa relação com a comunidade. Mesmo não podendo contribuir de forma significativa no cotidiano social arrumam formas de continuar a contribuir com o desenvolvimento da comunidade.

Eliane destaca que sua relação com o social da comunidade melhorou depois que ela foi estudar na EFASE. Se ela hoje é presidente da associação, a formação que ela teve na escola proporcionou a confiança necessária, tanto para ela própria, como da comunidade de Monte Alegre.

“Quando assumir a presidência da associação me bateu um pouco de medo assim porque era uma coisa nova para mim... assumir a questão de ser presidente associação, mas foi o medo que uma coisa nova, acho que sempre existe o medo quando surge uma coisa nova na sua vida, mas a relação com a comunidade aumentou a partir da escola, antes quando eu começo a estudar na EFASE a relação ficou melhor depois que eu comecei a estudar lá em todos os âmbitos e agora aumentou mais ainda, como representante legal.” (Eliane Barbosa dos Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

O relato de Marcos Vinicius marcado pela experiência de conhecer outras localidades, por se envolver com os movimentos sociais, por participar de projetos em outros municípios e comunidades e que agora, focado na vida da comunidade, percebe o potencial em ter tantos técnicos na comunidade e que estes poderiam se organizar e juntos criaram novas possibilidades efetivas para fortalecer a organização sócio produtiva da comunidade, da região, para contribuir na geração de renda das famílias.

“... um conjunto de técnicos que a gente tem hoje dentro da comunidade poderia tá se juntando e bolando um projeto mesmo para dentro da comunidade, tá apresentando alguma saída uma fonte de geração de renda para comunidade e também para o território, para região. O meu engajamento com os movimentos sociais já foi mais forte hoje a minha participação assim em termos de sair diminuiu mais, que eu me voltei mais um pouco para aqui”
(Marcos Vinicius Cardoso Lima, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

A formação integral promovida pelo processo educacional na EFASE enfatizando não a apenas uma formação tecnicista, mas um técnico-social proporciona um diferencial na vida do estudante egresso como das localidades onde este passa a atuar. Trabalham não apenas ensinando técnicas aos agricultores, mas também

trabalham questões sociais, culturais que perpassam os aspectos meramente produtivos da vida. Trabalham questões como associativismo, cooperativismo, economia popular solidária, propondo políticas públicas que contribuem em um melhor desenvolvimento das famílias.

“[...] então ela trabalha não só a parte técnica, mas também a social e eu acho que é uma forma da gente está exercendo a profissão como técnica”. (Catiana Lima Ribeiro, entrevista concedida no dia 10/04/2017).

Para além do engajamento na vida social da comunidade os estudantes da EFASE são estimulados a se envolver nos movimentos sociais da região. A concepção da escola por uma educação contextualizada se volta para além de se estudar os problemas, as desigualdades sociais, os desafios que estão presentes para o fortalecimento da vida camponesa. Busca-se compreender também como se organizam coletivamente os sujeitos, como que asseguram a conquista dos direitos que possuem. Assim, os estudantes ao se envolverem na vida comunitária também são estimulados a se envolverem com os movimentos de luta junto ao seu povo.

Existe na região uma variedade de movimentos em que os estudantes se engajam, a depender da sua realidade e interesse. Há movimentos que lutam pelo acesso à terra, a água, a educação do campo, organização da juventude camponesa. Destaco as diversas organizações pelo direito a terra tradicionalmente ocupada pelas comunidades tradicionais de Fundo de Pasto. Nos últimos anos também cresce a organização do movimento referente às comunidades Quilombolas. Outro movimento em crescimento se relaciona com as formas de comercialização dos produtos do campo através de movimentos de Economia Solidária.

“... participava um pouco da central de fundo de pasto... ela apoia também projetos para desenvolvimento das comunidades, inclusive esses projetos de economia solidária, geração de renda, alguns grupos de produção foram formados através dela”. (Josiane Alves Soares Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

Do ponto de vista pedagógico a relação dos estudantes com os movimentos sociais permite uma relação mais intensa com um conjunto de agentes que visam realizar transformações sociais com o intuito de fortalecer os modos de vida tradicionais do campo. Através da participação em movimentos tem mais elementos para compreender a conjuntura de lutas e os processos mais amplos de organização. Consegue-se construir novas perspectivas sobre o horizonte a alcançar.

“[...] engajamento com os movimentos sociais é muito bom também, pois a gente sempre forma as parcerias, sempre está participando, pautando sobre a conjuntura política no qual a gente se encontra aí, que está defasada, pessoas que não olha para a nossa sociedade com o olho que deveria estar

olhando, para construir ideias novas, para proporcionar um futuro para a sociedade”.
(Elias da Silva Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

A garantia a terra tradicionalmente ocupada é uma das questões mais acentuadas no município de Monte Santo. Como já apontamos no capítulo anterior, existe uma grande desigualdade na distribuição das terras além de que grande parte da área do município está oficialmente sem pertencimento. Boa parte desta área está na posse de comunidades tradicionais de Fundo de Pasto, que possuem o uso comum dos recursos naturais como uma forma de proporcionar o acesso a grande parte das famílias. Estas terras também são almejadas por grandes empreendimentos empresariais, seja do campo da mineração ou do agronegócio. Compreender o processo de territorialização destas famílias, e nele os conflitos existentes, é parte fundamental para compreender a territorialidade específica²⁷ de cada comunidade. Neste sentido a escola pode tanto acompanhar a luta dos movimentos sociais, como formar quadros que possam se engajar com maior qualidade nestes movimentos.

“... em relação à conquista da terra que a gente teve e ainda tem a questão do Fundo de Pasto e aí mais uma vez a escola ajudou nisso... questão da luta pela terra que no caso é a nossa realidade e tem que ter muita atenção na permanência e a escola passa esse sentimento de estudar depois você planejou na comunidade da gente traz além do que você levou daqui para lá trazer de lá para cá e permanecer”.
(Eliane Barbosa dos Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

“passei a conhecer a realidade da Comunidade, começar a saber que a comida é teu problema social, político a questão da Luta Pela Terra um dos principais focos aqui a questão da luta pela terra que é uma luta que vem mais de 30 anos que a grilagem de terra que tem aqui dentro da minha comunidade ... a posse e o principal é a posse da terra ... e a formação é muito boa mesmo para se enxergar a vida e a ver com outros olhos mesmo a questão da luta da comunidade, no movimento está engajado movimento social, questão política também, hoje se trazer a questão política para a comunidade para a região por município é um pouco complicado a questão do governo que tem hoje na governança que não tá não é voltada para a agricultura familiar”.
(Marcos Vinicius Cardoso Lima, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

“... é justamente esta diferença, é o técnico e o social, é um técnico que se envolve com a comunidade que está contribuindo, então essa valorização do trabalho desenvolvido, ela vem sendo valorizada e reconhecida pelos próprios agricultores, e quando a gente tem este reconhecimento, isso significa que tudo que a gente viveu, todo o período de estudo, de luta, pra estudar, pra conseguir o conhecimento, a formação, valeu a pena.”
(Ludmila de Santana Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

²⁷ Para melhor compreender o conceito de “processo de territorialização” e de “territorialidade específica” indico o texto “Os processos de Territorialização”, que faz parte do livro “Terras de Quilombo, Terras Indígenas”, “Castanhais do Povo”, Faxinais e Fundos de Pastos: Terras Tradicionalmente Ocupadas” (ALMEIDA, 2008, p. 118-126).

Através dos relatos dos interlocutores desta pesquisa e de minha própria vivência com a EFASE, percebo que existe uma diversidade de temas em que os estudantes egressos se envolvem, tanto nas questões políticas, como sociais. Sua ação profissional está contribuindo nas lutas sociais, no acesso a terra, no fortalecimento da economia solidária na região.

Desta forma, os jovens continuam contribuindo nos movimentos sociais, e trabalhando em entidades que também lutam pelos direitos dos povos do campo. Participar destas lutas leva a percepção da necessidade de também continuar em busca de mais conhecimentos. Entrar em cursos de universidades públicas passa a fazer parte da perspectiva destes jovens.

“... então hoje mesmo estou estudando na UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), fazendo Agroecologia com a extensão que veio para a EFASE”.

(Elias da Silva Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

“... um curso de aperfeiçoamento, no caso hoje estou fazendo pedagogia que também já é pra ajudar na questão de lecionar em sala de aula”.

(Catiana Lima Ribeiro, entrevista concedida no dia 10/04/2017).

“Eu continuo estudando fora, mas pensando em um dia voltar, então eu acho que se não fosse este processo, talvez eu não tivesse muita ligação com a zona rural, tem o desejo de ir, mais o desejo de voltar, eu acho que é muito destas idas e vindas que já se tem em todo período de estudo”.

(Arlete de Moura Andrade, entrevista concedida no dia 01/03/2017).

Das perspectivas para o futuro a ênfase em estudar, a continuação do aperfeiçoamento de seus conhecimentos e a contribuição no desenvolvimento das comunidades podem ser destacadas.

“Agora o que mais tô querendo é estudar, inclusive eu estava até pensando em ir estudar e não trabalhar, mas aí como o negócio estava apertado em casa, aí tive que trabalhar, mas estudo está em primeiro lugar”.

(Josiane Alves Soares Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

“[...] está sempre em busca de novos conhecimentos”

(Ludmila de Santana Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

Outro desejo é poder voltar para a comunidade de pertencimento, tendo uma independência financeira e trabalhando na própria propriedade como agricultor.

“As minhas perspectivas futuras são trabalhar na propriedade e praticar os conhecimentos na minha propriedade e viver dignamente na comunidade de origem”.

(Rogério de Andrade Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

“Eu quero muito ter minha independência aqui dentro da comunidade sem ter que estar trabalhando para outras pessoas, quero conseguir algo aqui, ficar trabalhando através da roça, no próprio grupo que é uma forma da gente estar crescendo tanto socialmente como financeiramente”.

(Josiane Alves Soares Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

Ir morar em grandes centros pode ainda ser uma das opções dos jovens da região. Mas nestas duas últimas décadas deixou de ser a única. Novas perspectivas sociais propiciaram alternativas para o fortalecimento de modos de vida. Os jovens profissionais entrevistados neste trabalho apontam para a importância de uma escola contextualizada para formação de profissionais preparados para a intervenção na sociedade ao seu redor. A EFASE propõe uma orientação pedagógica para efetivar esta educação contextualizada e engajada nas lutas sociais por melhor qualidade de vida.

3.2. A ALTERNÂNCIA COMO UM PRINCÍPIO EDUCATIVO QUE INSPIRA UMA NOVA RELAÇÃO COM OS CONHECIMENTOS.

O Sistema de ensino em alternância é uma forma de construção de conhecimentos, que rompe com a forma convencional de ensino que se concentra em exposições de conteúdo no espaço de uma sala de aula. A pedagogia da alternância propõe uma articulação de tempos formativos que deveria propiciar um diálogo de conhecimentos. Esta pedagogia busca ir além de difundir conteúdos, buscando promover o desenvolvimento amplo das pessoas, tendo como referência o seu meio social, e promovendo atividades de formação integral.

Como apresentei no primeiro capítulo deste trabalho, na EFASE utilizamos alguns instrumentos pedagógicos que incentivam aos educandos que se envolvam com as questões sociais e passem a contribuir na comunidade que pertencem. Esses instrumentos fazem parte do processo pedagógico responsável pela construção de conhecimentos no decorrer do processo educativo. Busca-se trabalhar a formação humana integral, utilizando o trabalho como princípio educativo.

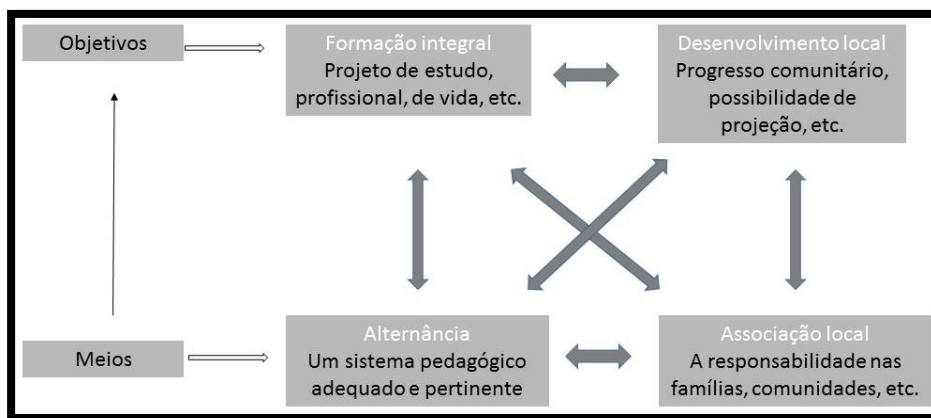
“[...] pode-se afirmar que a pedagogia da alternância tem o trabalho como princípio educativo de uma formação humana integral, que articula dialeticamente o trabalho produtivo ao ensino formal”. (RIBEIRO, 2010, p. 293)

Desta forma, existe uma articulação entre os conteúdos trabalhados nas disciplinas, assim como nos instrumentos pedagógicos, e os aprendizados da vivência no cotidiano da escola e da comunidade, ou seja, o sistema de ensino em alternância vivenciada pelos egressos da EFASE incentiva a articulação de diferentes saberes.

Segundo (PUING-CALVÓ e GIMONET, 2013, p. 36) são definidos quatro princípios, estão divididos em finalidades e meios (sistematizadas na figura 04), pelos quais as escolas família agrícolas (EFAs) se organizam:

- i. Ofertar aos jovens uma Formação Integral que garanta ao jovem uma formação que contemple as diversas dimensões da vida: ecológica, ética, espiritual, econômica, filosófica, artística, sociológica, humana, profissional, científica, técnica e intelectual. Como ser humano único, com seus projetos, desejos ou sonhos.
- ii. Contribuir com o Desenvolvimento Local, sendo esta uma consequência e uma necessidade, faz-se com que os jovens e adultos em formação se convertam em atores do seu próprio desenvolvimento e do território em que se encontram.
- iii. Sistema pedagógico de Formação em Alternância é uma metodologia que surge como resposta a uma situação escolar inadequada e ineficaz, sendo uma Alternância Integradora entre escola e meio socioprofissional, com períodos em ambos os contextos, que parte da experiência e que inclui a implicação de todos os atores da formação.
- iv. Associação Local, construída principalmente por famílias e outras pessoas que aderem aos seus princípios e que são gestores do projeto, os atores do próprio desenvolvimento.

Figura 4: Os quatro pilares dos CEFFAS



Fonte: (PUING-CALVÓ e GIMONET, 2013).

Estes princípios foram destacados em algumas entrevistas que realizei. Alana relata sobre a importância de uma formação que pense o ser como todo, que contribua em todo processo da formação humana, além de reforçar a valorização do ser camponês, e dos conhecimentos dos nossos ancestrais.

“A formação de pessoa, de caráter, de saber lidar com as pessoas do Campo a escola sempre nos ensinou e isso muito bem, e eu acho que a EFASE contribuiu muito com a minha formação nas experiências de campo, a escola

sempre ensinou a gente, nós somos agricultores filhos de agricultores e nossos ensinamentos são do campo para o campo, então a escola sempre reforçou isso que a gente tem que saber lidar com as pessoas do campo, são os nossos pais, os nossos tios, nossos avós e principalmente a gente tinha muito isso nas nossas experiências de ATER, que a gente não deveria empurrar conhecimentos, mas trocar experiências o que ele sabe a gente não sabe e o que a gente sabe eles podem não saber e a gente poderia estar trocando essas experiências, então acho que a escola sempre reforçou isso sempre nos ensinou como se portar nestas situações”.

(Alana Alves Soares Santos, entrevista concedida no dia 15/05/2018).

Fica evidente que as trocas de experiências que acontecem na vida do jovem enquanto estudante da escola continua acontecendo durante a realização do trabalho de assistência técnica às famílias das comunidades rurais depois de formado. O processo pedagógico aprendido e desenvolvimento na escola, as atividades realizadas com os instrumentos pedagógicos, como o ”plano de estudo” e a ”atividade de retorno” na comunidade também contribuem na formação para a vida profissional. A EFASE marca uma grande diferença da formação clássica que foi denominada de “difusionismo”.

Dada uma matriz ideológica desenvolvimentista, orientada por indicadores de crescimento econômico e na qual o “atraso” do meio rural era considerado um obstáculo ao “progresso”, coube à extensão rural a tarefa de difundir no campo os elementos de um modelo destinado a modernizar o setor, de modo a fazê-lo funcional ao crescimento industrial e da economia como um todo. Seguindo esta orientação, os extencionistas passaram a executar o que se convencionou chamar de “difusionismo”, isto é, levar ao meio rural ideias, práticas e tecnologias geradas fora daquele sistema social, pelos “intelectuais orgânicos” da elite dominantes. Como suporte a tal modelo, o estado Instituiu o crédito rural, uma estratégia de política que se constituiu no fator determinante, em última instância, da seletividade aplicada pela Extensão na escolha dos beneficiários. (CAPORAL, 2015, p. 95)

A formação na EFASE está sintonizada com outra concepção do papel da extensão rural, vinculada a uma percepção de mundo que rompe com a oposição moderno/tradicional, na qual a agricultura camponesa é considerada atrasada. A EFASE se insere em uma visão mais ampla do mundo rural, na qual a transição para modelos mais sustentáveis de agricultura valoriza as distintas formas de conhecimento.

...a transição agroecológica deixa de ser vista como um percurso técnico de conversão agroecológica dos sistemas produtivos, influenciado por fatores econômicos sociais, políticos e culturais, constituindo-se como um processo conflitivo e multinível de mudança socioambiental, em que a agência humana ocupa o lugar central. (SCHMITT, 2009, p. 182)

...o resgate dos atores e suas distintas visões de mundo como um elemento essencial na análise dos processos de mudança socioambiental na agricultura, evitando-se uma visão tecnicista da transição agroecológica como um processo de conversão de sistemas convencionais de produção (pouco diversificados e dependentes de insumos externos) para sistemas diversificados e autorregulados... a visão de que a construção do conhecimento agroecológico, a partir de um diálogo entre o conhecimento científico e do chamado conhecimento popular ou conhecimento prático, envolve conflito e negociação entre diferentes mundos, nas quais se

expressam complementariedades mas também descontinuidades entre diferentes sistemas e formas de conhecimentos... (p. 195)

A EFASE realiza a formação de técnicos em agropecuária e a formação é voltada para o acompanhamento de famílias camponesas, e o ensino é voltado para as bases agroecológicas, ensinando a respeitar a relação entre os camponeses e a terra, as relações culturais e sociais existentes.

O processo pedagógico da EFASE estimula o despertar nos jovens da importância de se envolver na vida social das comunidades. Ao mesmo tempo em que quebra as barreiras da timidez e vai ensinando na prática como trabalhar e conviver com os agricultores, valorizando os seus conhecimentos. A pedagogia da alternância e os instrumentos pedagógicos utilizados na EFASE orientaram os estudantes egressos para uma forma de lidar com os conhecimentos que perpassa a vida profissional. Podemos afirmar que o sistema de ensino vivenciado incidiu na forma de apropriação de conhecimentos, na sua reelaboração, sistematização, partilha.

“... graças à pedagogia da alternância, que me ajudou e contribuiu muito pra ta sendo, pra ser a profissional que eu sou hoje, e assim ao lembrar, buscar ta convivendo com os agricultores, com as comunidades com os jovens, crianças...”

(Ludmila de Santana Souza, entrevista concedida no dia 09/04/2017).

A escola acaba lhe mostrando a técnica, o jeito sofisticado e ao mesmo tempo o jeito simples, como é que você deve lidar com as pessoas, como que você deve falar, mesmo você sabendo o técnico, mas você tem que falar de uma forma que você seja entendido e não uma forma de você mostrar que sabe só para se sobrepor àqueles que estão lhe assistindo.

(Arlete de Moura Andrade, entrevista concedida no dia 01/03/2017).

A Pedagogia da Alternância, vivenciada na EFASE, articula de uma forma específica à prática e teoria, culminando em uma práxis própria. Esse método possibilita a alternância entre situações de aprendizagem escolar com situações de trabalho produtivo. Mas vai além, pois na própria escola o trabalho é realizado e ao valorizar o conhecimento dos agentes sociais, dos agricultores, o campo vira uma escola.

A Pedagogia da Alternância se baseia num método científico: observar, ver, descrever, refletir, analisar, julgar e experimentar, agir ou questionar (através dos Planos de Estudos na família, comunidade ou na escola), procurar responder às questões-problema (através das aulas, palestras, visitas, pesquisas, estágios) e experimentações (fazer experimentar em casa a partir do aprofundamento). (FREITAS e SANTOS, 2015, p. 178)

Assim como a educação propagada pela EFASE desenvolve, através da prática educativa, uma ação política e social, de formação real, onde se estimula a percepção do desenvolvimento dos fenômenos sociais atuais, através do ponto de vista dos agentes

sociais envolvidos. A necessidade de superação das desigualdades, das dificuldades são orientadas pela conquista de direitos que possibilitem uma vida digna no campo.

Reforço novamente que na EFASE a pedagogia da alternância tem a pedagogia do trabalho como orientação, o que permite ampliar a dimensão educativa. Pensar o desenvolvimento integral do educando através da dinâmica dialética entre viver a realidade e a interpretação da realidade, entre o real e ideal, entre a teoria e a prática. Vive-se a realidade e assim se produz conhecimento sobre ela. Esse conhecimento volta a ser aferido em novas vivências que por sua vez trazem novos conhecimentos.²⁸

A utilização do trabalho como princípio educativo permite que a dialética seja constantemente aplicada, contribuindo na formação integral do jovem. Os jovens entram em contato com outras realidades, como acontece nos estágios.

“[...] fazendo estágios em algumas instituições, sindicato, assentamento, sempre vendo outras realidades além do que a gente já vivia na comunidade”. (Arlete de Moura Andrade, entrevista concedida no dia 01/03/2017).

O estágio, um dos denominados instrumentos pedagógicos, garante a parceria entre as organizações, movimentos e entidades sociais, com a escola, além de promover e favorecer o diálogo e o intercâmbio. E ainda de alguma maneira apresenta os jovens aos possíveis espaços que requerem sua qualificação. Nestas instituições parceiras da escola que muitos estudantes egressos acabam atuando depois de formados.

“As CFRs (Casas Familiares Rurais) e as EFAS articulam o trabalho produtivo com a educação escolar, avançam em relação a estágios curriculares feitos em parcerias entre escolas e empresas; fortalecem a identidade pessoal e comunitária dos agricultores e estimulam a participação política dos jovens. Colocam a mudança social nas relações pessoais, a democracia na participação política e a cidadania na autonomia do agricultor que vive do seu trabalho”. (RIBEIRO, 2010, p. 381)

O estímulo para os jovens se envolverem na vida social da comunidade é um dos principais fatores que contribuem na formação de técnicos agropecuários engajados com uma verdadeira mudança na realidade das famílias camponesas, isto porque, os ensina a valorizar e a reconhecer os conhecimentos dos agricultores e também é no processo de realização de atividades no tempo comunidade, com o envolvimento com as pessoas, as trocas de experiências, as rodas de conversa, as práticas nas propriedades vão

²⁸ Embora eu perceba a EFASE como uma nova escola e com uma postura de construir um novo sistema de ensino em contraposição ao sistema dominante, a dialética vivenciada não é uma inovação teórica, como não são novas as pedagogias da alternância e do trabalho. No livro “O Novo Espírito Científico”, Gastón Bachelard, em plena primeira metade do século XX, já indicava que esta dialética deveria orientar o espírito científico contemporâneo. (BACHELARD, 2000) Podemos então dizer que a EFASE é uma escola que tenta, na contemporaneidade, aplicar teorias antigas, mas que foram invisibilizadas pelas formas dominantes de pensamento.

desenvolvendo o estudante, fazendo com que percam a timidez, e saibam trabalhar com os agricultores.

“Só o simples fato de você estar aprendendo e repassando para a comunidade aquele conhecimento que você teve é uma coisa muito boa... coisa boa para ir perdendo essa timidez para está explorando o mercado de trabalho”.

(Carlos André Ribeiro dos Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

“conhecimento na escola, você trazendo e desenvolvendo não só em sua comunidade mais em outras comunidades, acho que esse conhecimento que a gente adquirir não é só para a gente guardar para gente, mas também passar para outras pessoas e que ainda existe muita resistência hoje das pessoas na questão do conhecimento... aquele conhecimento que foi adquirido pelos avós que diz é deste jeito aqui que aprendi e pronto...você fazer em sua propriedade, onde você mora para que as pessoas possam ver se realmente está dando certo aquilo que fulano me falou, para ter a troca de experiência, que na verdade, a gente aprende muito com o agricultor, quando a gente vai fazer uma visita ele já tem o jeito dele trabalhar é uma troca de experiência a gente pega o conhecimento que ele já tem e junta com o nosso que a gente leva, e tem muitas vezes que dependendo de como ele trabalha, muitas vezes o nosso conhecimento que a gente leva não dar certo para a gente chegar e implantar, mas a gente pode pegar aquilo que já tem costume e dar uma arrumada”.

(Marcos Vinicius Cardoso Lima, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

A Alternância se mostra também como uma forma de construir novos conhecimentos e comunicá-los de forma que faz sentido para os agentes sociais do local, interagindo conhecimentos acadêmicos e tradicionais. Quebra-se a hierarquia dominante da colonialidade, que estabelece quais conhecimentos são superiores ou legítimos de serem transmitidos.

“... também ouvir a comunidade e passar na escola tudo que a gente aprendeu durante o período comunidade e vice-versa. A relação dos conhecimentos tradicionais e acadêmicos é justamente essas atividades que a gente levava, às vezes levava os conhecimentos técnicos e a comunidade passava para a gente os conhecimentos tradicionais foi essas trocas que fez a gente passar adquirir um pouco de cada”.

(Alana Alves Soares Santos, entrevista concedida no dia 15/05/2018).

“... assim facilitou os conhecimentos tradicionais que eu aprendi na comunidade antes de ir para escola eles facilitaram na minha formação também e aí e como essa metodologia da pedagogia da alternância acabou que também ajudando na formação a troca da escola com essa metodologia e comunidade eu acho que os dois, a junção desses dois facilitou na formação tanto pessoal como os trabalhos realizados nas comunidades, na minha comunidade”.

(Eliane Barbosa dos Santos, entrevista concedida no dia 12/05/2018).

A construção de conhecimentos desenvolvida na escola, a partir da vivência dos estudantes nas comunidades e na própria escola, geram possibilidades que acompanham sempre a vida do egresso, na medida em que este se envolve nos espaços sociais em que faz parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos engendrados durante o processo de construção deste trabalho de pesquisa tinham como objetivo analisar as perspectivas dos estudantes egressos da Escola Família Agrícola do Sertão (EFASE), no sentido de perceber como a educação recebida na EFASE contribuiu nas suas trajetórias.

O percurso da construção deste trabalho, em especial as conversas com os estudantes egressos, agregou reflexões sobre a contribuição dos processos educativos ofertados pela EFASE, na sua trajetória profissional e como a pedagogia da alternância e a pedagogia do trabalho impulsionam os estudantes, durante os tempos educativos vivenciados na Escola, perceber e refletir o espaço em que vivem e a valorizar os modos de vida. O processo pedagógico incentivou o engajando na vida social da comunidade e em movimentos sociais da região. Esse engajamento tinha como objetivo identificar espaços formativos que vão além da sala de aula, identificar mestres para além dos professores, valorizando conhecimentos tradicionais, conhecimentos populares, conhecimentos práticos diretamente relacionados aos modos de vida das comunidades. As pedagogias utilizadas possibilitaram novas formas de lidar com os conhecimentos, de compartilhar, dialogar e construir.

Os dados adquiridos na pesquisa demonstraram a EFASE como uma escola atenta ao contexto social e posicionada no fortalecimento de modos de vida, que respeita a cultura da mulher e do homem do campo, ensinando técnicas de convivência com o semiárido, criando possibilidades alternativas ao deslocamento dos para os grandes centros urbanos, visibilizando oportunidades de uma vida digna no sertão. Continuar a estudar, fazer um curso de graduação ou pós, trabalhar com assessoria técnica, com economia solidária, com demarcação de terras, com a implementação de tecnologias direcionadas para fortalecer os modos de vida, garantindo a segurança alimentar, a melhoria da renda, o reconhecimento da terra tradicionalmente ocupada são ações nas quais os interlocutores deste trabalho de pesquisa estão envolvidos. Todos afirmaram que devem sua trajetória profissional à uma concepção de mundo, de construção de conhecimentos, que aprenderam no tempo em que estiveram EFASE. O ensino recebido, as pedagogias vivenciadas proporcionaram novas possibilidades de atuação para os adolescentes e jovens das comunidades rurais.

Os interlocutores deste trabalho, mesmo sem aprofundar quais os conteúdos trabalhados nas disciplinas, afirmaram o esforço de professores e mestres, que através de instrumentos pedagógicos que impulsionaram a relação de saberes com a vivência no cotidiano da escola e nas comunidades, tinham a preocupação de formar um sujeito crítico e participativo na vida social. Reforçavam a necessidade e a importância de estarem se engajando nas lutas sociais, de forma a buscar maneiras de continuar a colaborar com o desenvolvimento das famílias das comunidades do sertão.

As reflexões realizadas neste trabalho foram no sentido de compreender os caminhos prováveis que a alternância propicia na vida do egresso, como a conciliação entre estudo e trabalho, a relação com os movimentos sociais e a alternância como uma nova forma de construção de conhecimento. Os jovens profissionais entrevistados neste trabalho apontam para a importância de uma escola contextualizada para formação de profissionais preparados para a intervenção na sociedade ao seu redor. As suas perspectivas e trajetórias mostraram que ir morar em grandes centros pode ainda ser uma das opções dos jovens da região. Mas nestas duas últimas décadas deixou de ser a única. Novas perspectivas sociais propiciaram alternativas para o fortalecimento de modos de vida. Impulsionam a partilha e a construção de conhecimentos.

As possibilidades de continuidade deste estudo se afirmam na quantidade e qualidade dos trabalhos desenvolvidos pelos educandos da escola, em especial os Trabalhos de Conclusão de Curso e o Projeto Profissional do Jovem. Neste trabalho poucos foram abordadas as limitações que existem tanto na formação da escola como da própria pedagogia da alternância, desta forma, ficaram inquietações que provocam a continuidade destas reflexões.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. W. B. D. **Terras de quilombo, terras indígenas, "babaçuais livres", "castanhais do povo", faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas.** 2ª Edição. ed. Manaus: PPGSCA-UFAM, 2008.

ALMEIDA, A. W. B. D. **Antropologia dos Archivos da Amazônia.** Rio de Janeiro: Fundação Universidade do Amazonas, 2008b.

ALMEIDA, A. W. B. D. **Quilombos e as Novas Etnias.** Manaus: UEA, 2011.

ALMEIDA, A. W. B. D. et al. **Conhecimento Tradicional e Biodiversidade: normas vigentes e propostas.** Manaus: UEA, 2010.

AREFASE. **Plano de Curso Educação Profissional Técnica em Agropecuária integrado com o Ensino Médio.** Associação Regional da Escola Família Agrícola do Sertão (AREFASE). Monte Santo. 2012.

AREFASE. **Plano de Curso Educação Profissional Técnica em Agropecuária integrado com o Ensino Médio.** Associação Regional da Escola Família Agrícola do Sertão (AREFASE). Monte Santo. 2012.

ARROYO, M. G.; FERNANDES, B. M. **A educação básica e o movimento social do campo.** Brasília: Articulação Nacional por uma educação Básica no Campo, v. Coleção Por uma educação Básica do Campo, 1999.

ARROYO, M. G.; FERNANDEZ, B. M. **A educação Básica e o movimento social do campo.** Brasília: Ariculação Nacional por uma educação Básica do Campo, v. Coleção Por uma educação Básica do Campo, 1999.

ASA BRASIL. **Programa de Formação e Mobilização Social Para a Convivência com o Semi-Árido.** Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA). Recife. 2001.

AUGÉ, M. **Os Domínios do Parentesco: filiação, aliança matrimonial, resideência.** Lisboa: Edições 70, 2003.

BACHELARD, G. **O Novo Espírito Científico.** Rio de janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BEGNAMI, J. B. Pedagogia da Alternância como sistema educativo. **Formação por alternância – CEFFAs UNEFAB,** Brasília, v. 2, julho 2006.

BOGO, A. O Vigor da Mística. **Caderno de Cultura,** São Paulo, v. n°2 , 2002.

BOGO, A. **Identidade e Luta de Classes.** 1ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

BOURDIEU, P. Sistemas de Ensino e Sistemas de Pensamento. In: _____ **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 203-229.

BRITO, C. D. S. **Fechamento das escolas do campo no município de Monte Santo (BA):** implicações para algumas comunidades rurais. Amargosa: Centro de Formação de Professores (UFRB), 2018. Monografia (Graduação).

CALDART, R. S. A Educação do campo e a perspectiva de transformação da forma escolar. In: MUNARIM, A., et al. **Educação do campo: reflexões e perspectivas.** Florianópolis: UFSC, 2011. p. 145 a 187.

CAPORAL, F. R. **Extensão Rural e Agroecologia:** psrs um novo desenvolvimento rural, necessário e possível. Recife: do Coordenador, 2015.

CAVALCANTE, L. O. H. **A Escola Família Agrícola do Sertão:** entre os percursos sociais, trajetórias sociais e implicações ambientais. Salvador: Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação - UFBA, 2007.

COTRIN, G. **Educação para uma escola democrática:** história e filosofia da educação. 3ª. ed. São Paulo: Saraiva, 1989.

CUNHA, E. D. **Os Sertões.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

DIEESE. **Estatísticas do meio rural 2010 – 2011.** DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômico. São Paulo. 2011.

FANON, F. **Os Condenados da Terra.** Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FERNANDES, B. M. **CONSTRUINDO UM ESTILO DE PENSAMENTO NA QUESTÃO AGRÁRIA:** o debate paradigmático e o conhecimento geográfico. Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e tecnologia, v. I, 2013.

FIOCRUZ. Comunidades de Fundo de pasto de Monte Santo lutam contra grileiros pela terra e pela vida. **Mapa de conflitos envolvendo injustiça ambiental e saúde no Brasil,** 2014. Acesso em: 5 Janeiro 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 32ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FREITAS, G. V.; SANTOS, I. F. Juventude das Escolas Família Agrícola de Minas Gerais: desafios e possibilidades na perspectiva da inserção profissional. In: LEÃO, G.; ROCHA, M. I. A. (.). **Juventudes do Campo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

GIMONET, J.-C. Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: as casas familiares rurais de educação e orientação. In: _____ **Pedagogia da alternância:** alternância e desenvolvimento. Brasília: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil, 1999.

IBGE. Indicadores sociais municipais. **idades.ibge,** 2000. Disponível em: <<https://idades.ibge.gov.br/brasil/ba/monte-santo/pesquisa/23/25124?tipo=ranking&indicador=25295> >. Acesso em: 28 Janeiro 2019.

IBGE. IBGE Brasil em síntese, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/monte-santo/pesquisa/23/27652>>. Acesso em: 16 Março 2019.

IBGE. Indicadores sociais municipais. **cidades.ibge**, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/monte-santo/pesquisa/23/25124?tipo=ranking&indicador=25301>>. Acesso em: 28 Janeiro 2019.

IBGE. Índice de Desenvolvimento Humano - IDH. **cidade.ibge**, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/monte-santo/pesquisa/37/30255>>. Acesso em: 28 Janeiro 2019.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Su, v. v.19, n2, jul./dez 2011.

LEITE, S. C. **Escola Rural**: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ª. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2010.

MATTOS, B. H. O. D. M. Natureza e sociedade no semiárido brasileiro: um processo de aprendizagem social? In: _____ **Educação no contexto do semi-árido brasileiro**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa - características usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v. I, 2º sem 1996.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. Brasília: Brasiliense, 1981.

PROJETO GEOGRAFAR. Índice de gini, estrutura fundiária do município de Monte Santo. **Projeto GeografAR - A Geografia dos Assentamentos na Área Rura (UFBA/CNPq)**, 2018. Disponível em: <https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/monte_santo_-_ba.pdf>. Acesso em: 3 outubro 2018.

PUING-CALVÓ, P.; GIMONET, J.-C. Aprendizagens e relações humanas na Formação por Alternância. In: BEGNAMI, J. B.; BURGHGRAVE, T. D. **Pedagogia da Alternância e Sustentabilidade**. Orizona, GO: UNEFAB, 2013. Cap. 1, p. 35-69.

RIBEIRO, M. **Movimento camponês, trabalho e educação**: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

RIBEIRO, M. Educação Rura. In: CALDART, R. S. E. A. (.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012.

SCHMITT, C. J. Transição Agroecológica e Desenvolvimento Rural. In: SAUER, S. **Agroecologia e os desafios da transição agroecossistemas**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 173-198.

SILVA, A. B. D.; FREITAS, P. V. N. D.; XAVIER, M. K. G. D. S. Políticas Públicas e Tecnologias Sociais para Convivência com o semiárido no cariri paraibano. **XVII Encontro Nacional de Geógrafos**, Belo Horizonte - UFMG, 2 a 28 julho 2012.

SILVA, L. S. D. **Escola Família Agrícola do Sertão (EFASE)**: Espaço de formação da classe trabalhadora e suas implicações na práxis educativa. Amargosa: Centro de Formação de Professores (UFRB), 2012.

SILVA, R. M. A. **Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido**: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. Banco do Nordeste: Banco do Nordeste do Brasil, 2010.

TIRO DE LETRA. Etimologia. **Tiro de Letra - Ministério da Criação Literária**, 2007. Disponível em: <<http://www.tirodeletra.com.br/etimologias/Pau-de-arara.htm>>. Acesso em: 12 Dezembro 2018.